Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

O Mundo - A Humanidade - O Homem

Todo o esforço, em melhorar,
Bem merecer, é de louvar.

POEMAS DANTESCOS

VOLUME OITAVO

LIVRO DUODECIMO — ÆTERNA CARMINA
LIVRO DECIMO TERCEIRO — SECULARE CARMEN
LIVRO DECIMO QUARTO — VARIAS COMPOSIÇÕES SOBRE DANTE

EDIÇÃO ESPECIAL

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.
—
1938

ERRATA DO VOLUME OITAVO

PAGINA	LINHA	ONDE SE LÊ:	LEIA-SE:
3	22	versos a 1 a	versos 1 a
3	27	versos a 1 a	versos 1 a
4	25	fac-simile	fac-similar
7	13	que a que a	que a
9	30	siècles,	siècles
9	31	apprécies	appréciés
10	3	adraissait	adressait
10	13	Vieira Santo	Vieira Souto.
23	28	tda	toda
23	30	más no della	mas della
28	14	ceraz	veraz
29	6	escancara.	escancára;
49	28	(falta o ultimo verso)	E cahi, como corpo morto cahe.
51	9	exara,	exora,
53	4	duros	diros
53	6	gosos	giros
56	20	abia	Arbia
56	22	formoso	frouxo
57	2	nada	nodo
57	4, 5, 6, 7	estes quatro versos estão descolocados; são a terminação do canto á pag. 58.	
65	10	accessos	accesos
65	24	chopo	choupo
67	13	esposto	esperto
68	7	quizilia	quisilia
68	24	reacesso	reaceso
69	23	Poichei privato si mirar quelle!	Poi che privato sé di quelle!
69	36	O septentrional	O' septentrional
69	37	bellas?	bellas!
73	16	conde e Ugolino	conde Ugolino
74	24	ouviras	ouvirás
75	17	comesse	comesses
77	10	abranges	abrange
77	12	Ganges	Gange
79	9	medira	medra
79	11	approve	approuve
82	2	reuna	aûna
82	10	faço.	faço,
82	23	adoptada	adaptada
97	5	E's tu	Tu sè
97	6	sé lo colui, da sui	solo colui, da cui
101	11	encontrei-a	encontrei-o
117	15	tenha	tinha
124	10	priú	piú
124	16	slato	stato
128	2	fratrecide	fratricide
130	25	Boccacio	Boecio
131	6	ao	o,
133	17	come	com'
133	18	altui	l'altrui
136	15	fidalidade	feudalidade
139	32	Testement et Petit	Testament et Polit.
141	11	almas	obras
144	5	dia.	dia
146	17	cortui	costui
146	49	prise	prese
147	6	libro chi l'escrissi	libro e chi lo scrissi
147	12	vano	vanno
147	28	pintados e frescamente coloridos.	pintadas e frescamente coloridas.

Talvez ainda haja escapado um ou outro erro, porem de facil corrigenda pelo leitor.

EXEMPLAR OFERTADO
PELA TESTAMENTARIA

Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

O Mundo - A Humanidade - O Homem

Todo o esforço, em melhorar.
Bem merecer, é de louvar.

POEMAS DANTESCOS

VOLUME OITAVO

LIVRO DUODECIMO — ÆTERNA CARMINA
LIVRO DECIMO TERCEIRO — SECULARE CARMEN
LIVRO DECIMO QUARTO — VARIAS COMPOSIÇÕES SOBRE DANTE

EDIÇÃO ESPECIAL

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.
—
1938

Acervo da Bibliote
Casa de Oswaldo Cruz

ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ
BIBLIOTECA
REGISTRO Nº
34705/13

802
S237h
V.8 1938
Ed. F.C.

Fôrão impréssos désta óbra:

100 *ezemplares em papel* COUCHÉ
200 *ezemplares em papel* BUFFON *de 1ª qualidade e*
700 *ezemplares em papel de 2ª qualidade, que constituem a "edição popular"* (TESTAMENTO, *p. XXIV*).

INDICE

PAGS.

— Advertencia 5
— Dedicatoria 11
— Anteloquio e nota pessoal . . . . . 15 e 19
— Æterna carmina: — 21

1 — Dante a Beatriz ("Vita Nuova", soneto XXVII). 23
2 — Um anno depois da morte de Mona Bice. ("Vita Nuova", soneto XXXIV) 27
3 — Canto primeiro do "Inferno": — Encontro de Virgilio e Dante 28
4 — Canto terceiro do "Inferno": — Entrada do Inferno. 37
5 — Fragmento do canto quinto do "Inferno": — Francesca da Rimini. (versos 70 a 142) 45
6 — Canto decimo do "Inferno": — O tumulo de Farinata 53
7 — Canto decimo terceiro do "Inferno": — A floresta dos suicidas 59
8 — Fragmento do canto vigesimo sexto do "Inferno": — Narrativa de Ulysses. (O Brasil?) (versos 30 a 142) 67
9 — Fragmento do canto trigesimo terceiro do "Inferno": — A torre da fome — Morte do conde Ugolino. (versos a 1 a 88) 73
10 — Fragmento do canto undecimo do "Paraiso": — Panegyrico de São Francisco de Assis. (versos 43 a 117) 77
11 — Fragmento do canto trigesimo terceiro do "Paraiso": — Oração de São Bernardo. (versos a 1 a 39) . . 81

— Seculare carmen: — 97

1 — A Dante Alighieri 99
2 — Perfil de Dante 100
3 — Homero e Dante 101
4 — Dante e Beatriz 102
5 — Retrato de Beatriz 105
6 — Sorriso e olhar de Bice 106
7 — Na morte de Beatriz 107
8 — A visão de Dante 108
9 — Visão de São Paulo. (Origem da Divina Comedia). 109
10 — Na morte de Dante 110
11 — No Panthéon da Humanidade 111
12 — No sexto centenario da transformação objectiva de Dante 112
13 — Oblata 113

PAGS.

— **Varias composições sobre Dante:** — 115

1 — Dante aos pés de Beatriz 117
2 — Francesca da Rimini 119
3 — Dante. (dous sonetos de Ludovico Berna)..... 120
4 — Dante. (traducção de dous sonetos de Ludovico Berna) 122
5 — Miguelangelo a Dante. (dous sonetos) 124
6 — Miguelangelo a Dante. (versão omnophrastica de dous sonetos) 126
7 — Vision Dantesque 128
8 — Dante: (traducção do artigo de Frederico Harrison, no "Novo calendario dos Grandes Homens" — volume segundo, paginas 4 a 12 — e de um fragmento do artigo sobre a "Epopeia Moderna", referente a Dante) 129
9 — Algumas notas relativas ás illustrações 143

— **Figuras:** —

1 — Dante 25
2 — Dante ao voltar do exilio 35
3 — Francesca da Rimini 43
4 — Francesca e Paolo 47
5 — Pape Satan 51
6 — Arpia. 61
7 — Cerbéro. 71
8 — Reproducção fac-simile da partitura de "Alla Vergine". 83
9 — Dante e Beatriz. (Ary Schœffer). 103

ADVERTENCIA

"……; e uma *plaquette*, contendo em vernáculo antigo, tentativas de versão de alguns cantos do "Inferno" de Dante, salvos do naufragio de minha longa porém mallograda existência de olvidado mas impenitente rimador."

GENERINO. (Testamento).

Cumprindo disposição testamentaria de Generino dos Santos, é publicado este volume de sua obra inédita e que em meio ao cháos reinante na profusa mésse de originaes, estava mais ou menos delineado quanto á forma. Chegára mesmo o poeta pernambucano a idear uma edição luxuosa a commemorar o sexto centenario de Dante, edição esta limitada a um certo numero de subscriptores sob condições que chegou a determinar, bem como relacionou aquelles dentre os amigos que deveriam coparticipar da homenagem desejada. Estabeleceu mesmo as bases principaes chegando a fazer imprimir listas que creio, não lograram o intento do autor. Nellas explicava succintamente a finalidade que o levára a distribuil-as; bem como o plano traçado: —

"Aos subscriptores caberá o numero de exemplares proporcional á contribuição, sen-

do o preço do volume avaliado approximadamente em 5$000, sem estampas; e, no minimo, 10$000, com 12 photogravuras de composições originaes de artistas brasileiros (Almeida Reis, Decio Villares, Eduardo de Sá e Aurelio de Figueiredo), inspirados na "Divina Comedia" e "Obras menores" do Dante, em pequena edição numerada, esmeradamente revista e artisticamente impressa.

N.B. Esta edicção se não publicará, si o computo das quantias subscriptas não cobrir as despezas da impressão."

Mallogrado ou abandonado o desideratum, um amigo, Justiniano Meyrelles, vencendo a displicencia habitual de Generino, sua systematica esquivança a tudo que pudesse evidencial-o, fez distribuir cartões em que pedia interesse para possivel publicação dos escriptos inspirados no poeta florentino. Foi do theor seguinte o appello: —

"Acompanho com interesse de amigo dedicado os lances poeticos de GENERINO DOS SANTOS e, ao passo que se satisfaz no momento o meu enthusiasmo com a audição das producções daquelle espirito de escól, o meu coração se entristece diante do inevitavel e injusto sepultamento a que se destinam os seus versos. E' que o meu venerando amigo, fiel ás suas profundas convicções philosophicas, não cultiva o jornalismo e, encarcerado na sua modestia, sem ambições de posição ou riqueza, entrega ao pó do archivo, depois de os lêr aos seus intimos, os versos que produz pela necessidade de produzir, e que na simplicidade da minha incompetencia parece-me que um PETRARCHA não hesitaria authenti-

car. Assim aconteceu, não ha muito, com uma serie de magistraes sonetos dedicados aos Reis Belgas, assim acontecerá talvez com esta serie de Poemas Dantescos, allusivos ao centenario e com as insignes traducções de alguns cantos da Divina Comedia, Francisca de Rimini, Conde Ugolino, Floresta dos Suicidas, *para não citar outros.*

Deliberei não me conformar com o archivamento summario de tão selecta producção. Como testemunha de tão elevado surto esthetico, denuncio os seus resultados, certo de que a que a vossa idoneidade moral e civica e o apreço pessoal a GENERINO acolherão com sympathia o meu fraternal appêllo.

Espero obter com a vossa cooperação e a de vossos amigos os recursos necesarios para imprimir os poemas dantescos, que certamente representarão valiosa parcella na commemoração brasileira do centenario de DANTE. No caso de merecer a presente iniciativa o vosso valioso applauso, podeis entregar qualquer quantia ao Snr. Joaquim Nunes, Largo de S. Francisco 25, ou remettel-a para nossa residencia.

Com attenciosas saudações

Vosso Concidadão, Att.º e Obr.º

JUSTINIANO MEYRELLES.

Rua Corrêa Dutra, 143 — Cattete".

Tambem esta amistosa manifestação esboroou-se. Só agora apparecerão, obedecendo o mais possivel á directriz do autor. Não cabe aqui criticar a excellencia ou tibieza de estro que porventura existam nos poe-

mas originaes ou nas traducções, tendo-me limitado apenas a verificar num cotejo com o original uma ou outra pequena distração porventura existente.

Foram por occasião do sexto centenario de Dante lidos alguns dos trabalhos ora reunidos, e tambem Francisco Belisario em discurso na Camara dos Deputados, além de mencional-os, leu alguns aos seus pares. No prefacio da 2.ª edição da versão do Barão da Villa da Barra, o editor Garnier falando das tentativas de passagem para o portuguez, da Divina Comedia diz: — "...e a de Generino dos Santos só a conhecem os seus amigos, por não ter elle querido, até então, dar-lhe publicidade."

Crente da Religião da Humanidade, frequentando-lhe as publicações diuturnamente, embebendo nas obras de Augusto Comte suas locubrações, foi em dois trechos delle que se baseou para o collimado anhelo de reverenciar "l'altissimo poeta". Foi elle proprio que os copiou para serem referidos na advertencia que deveria preceder a publicação, sendo esta a razão porque os transcreverei aqui. O primeiro foi buscal-o á pagina 542 do tomo 3.º da "Politica Positiva". Das "Confissões Annuaes", extrahiu o segundo: —

> *"Au début de cette phase, sous l'impulsion inaperçue qui résultait de l'ensemble du moyen âge, l'essor esthétique du génie moderne produisit l'incomparable épopée où réside jusqu'ici le meilleur titre de l'art humain. Quoique inspiré pour l'idéalisation du catholicisme, ce poëme caractéristique se trouva dominé par l'impulsion révolutionnaire. Outre des protestations spéciales, on l'y reconnaît surtout d'après l'audace d'une conception générale qui suppose le déclin des croyances ainsi soumises au jugement esthétique, que le siécle précédent eût repoussé*

comme sacrilége, tandis que, au suivant, il serait devenu superflu. Malgrè la tendance de Dante à sentir seulement la constitution intellectuelle du moyen âge, il en retrace involontairement le caractère social, en subissant admirablement son influence morale, principalement temoignée dans la flétrissure de la trahison. Une annonce, vague, mais profonde, de la régénération finale compléta l'aptitude de cette composition à représenter l'ensemble de la révolution moderne, et même le résumé de l'histoire humaine, quoique la fialiation générale y fût troublée par un aveugle amour de l'antiquité."

"Le prochain essor de la sociolatrie déterminera naturellement un rapprochement sacré entre toutes les femmes personnellement dignes d'une adoration publique. Alors ta vie subjective s'unira spécialement à celle de Béatrice, d'après l'analogie réelle des offices et des hommages, trop conforme, hélas! à celle des fatalités objectives. Ma croissante admiration journalière pour le plus grand des poètes ne serait ainsi qu'un secret pressentiment d'une juste similitude de consécration entre nos anges respectifs. L'incomparable composition qui termina réellement l'état théologique sera finalement rapprochée de celle qui fonde l'état positif, quand les cinq siècles, révolutionnaires qui nous séparent auront été convenablement apprécies. Mais cette liaison intellectuelle doit être aujourd'hui devancée par l'union morale des deux anges qui présidèrent aux deux principales contructions modernes. Leur douce connexité m'est déjà devenue tellement familière

que j'ai pleinement incorporé à ton culte le bel hymne que mon incomparable précurseur adraissait à la suave déesse des occidentaux en terminant sa sublime épopée. Peut-être son coeur, encore mieux emancipé que son esprit, osait-il aussi l'appliquer secrètement à sa Béatrice."

Do primeiro volume das Humaniadas, foi o sr. J. Soares Pereira, encarregado da publicação, cargo que deixou por serem multiplos os afazeres que não lhe deixavam tempo para exercel-o apezar da dedicação, zelo e grande competencia demonstrados.

Encarregado que fui por Silvio Vieira Santo, meu amigo e primo, testamenteiro dativo de Generino, de prosseguir a publicação da obra do desventurado poeta, obedeci á divisão traçada, que a compoz, de dez volumes, mas para facilitar o apparecimento que desejamos concluido no decimo anniversario da morte do autor, após o primeiro volume já publicado, iniciei minha tarefa por este. Seguir-se-ão em muito curto espaço os demais que ora estão em composição ou revisão.

Rio de Janeiro, 26-XII-1937.

L. F. V. S.

DEDICATORIA

A DANTE ALIGHIERI

Rendendo preito ao Altissimo Poeta,
Que sobre os outros, bem como aguia, voa.

(DANTE, *"O Inferno"*, *IV.*)

O' dos outros poetas honra e lume!
Valha-me o longo estudo e o grande amor
Com que assimilei o teu volume.

— Tu és meu Mestre e és o meu autor.
De Ti, de Ti sómente, hei recebido
O bello estylo que me ha feito honôr.

— DANTE, "O Inferno", I

Seu reverente e humilimo discipulo

GENERINO.

Rio 9-IX-21.

A DANTE ALIGHIERI

Onorando l'Altissimo Poeta
Che sovra gli altri, come aquila, vola.

"O' degli altri poeti onore e lume,
Vagliami il lungo studio e il grande amore
Che m'ha fatto cercar lo tuo volume.

Tu sé lo mio Maestro e il mio autore:
Tu sé solo colui, da cui io tolsi
Lo bello stile, che m'ha fatto onore."

— DANTE, "Inferno" Canto primo.

Il suo reverente ed umile discipolo

GENERINO.

Rio 9-IX-21.

ANTELOQUIO
E
NOTA PESSOAL

ANTELOQUIO

Graças á misericordiosa iniciativa do solerte amigo Justiniano Meyrelles, que se não pôde conformar á irreparavel catastrophe de vêl-os condemnados summariamente ao limbo, como infinito numero de outros, de igual quilate, que, ha meio seculo, venho despercebidamente escrevendo, publicam-se estes versos — restaurados de cór, que os originaes se reputam accidentalmente perdidos — para que se não obliterem ou apaguem de todo na memoria dos poucos contemporaneos que, em louvor do Supremo Poeta Planetario que elegi por Mestre, e commemorando o VI Centenario de sua transformação objectiva, os ouviram cultualmente ler, ao cahir da tarde de 17 de Setembro (ultimo da semana dantesca) no austero salão da Bibliotheca da Associação dos Empregados no Commercio, á Rua Gonçalves Dias, — sob a decorativa presidencia de alguns originaes (unicos) de artistas brasileiros (Almeida Reis, Decio Villares, Eduardo de Sá e Aurelio de Figueiredo) que se inspiraram na "Divina Comedia" e obra menor do Dante; e que, por isso mesmo, valorisando-a como documentos historicos de sua influencia no Brasil, em photogravuras e pequena edição especial e numerada, se addiccionam a esta plaquette, com sinceros agradecimentos por tão preciosa e inestimavel collaboração.

E aos competentes a justiceira funcção e indeclinavel dever de os julgar a todos: — sem hypertrophiada e irritante vaidade — que nunca tive, para que me cegue agora — de boa mente me submetterei aos seus doutos ensinamentos.

Agora, quanto ao que possa dizer o vulgo — "humanum pecus de omnere sybile ed quibus dam alliis sapiens — tanto se me dá como se me deo! — pois, franca, sincera e lealmente, o declaro: — Nunca escrevi para essa hybrida raça de plumitivos de Juno, que Linnêo e Blainville desdenharam classificar e o meu bem avizado Mestre parece ter condensado em phosphorica bufera, no circulo em que blasphemam egolatras do Inferno obdiente ao conselho de Virgilio: "Non ragioniam di lor, ma guarda e passa..." — E a razão que é obvia não deverá ter escapado á perspicacia do leitor arguto: Eu nunca professei o Culto da Incompetencia... — E basta.

GENERINO.

NOTA PESSOAL

Esta publicação graciosamente devida á extrema galanteria do proprietario desta folha, que a fez inserir em supplemento especial commemorativo, é antes uma expansão cultual do que uma veleidade litteraria. (1)

Completamente emancipado de todo e qualquer preconceito theologico ou metaphysico, seja qual for a forma que revista, o litterario nunca me fascinou nem fascinará jamais.

E' por isso que, embora irremissivelmente condemnada, como instituição que já esgotou a sua benefica influencia e é hoje perturbadora de todos os esforços para a reorganisação social, segundo a sentença e o voto de Augusto Comte, se recorre á imprensa diaria de grande tiragem, de preferencia a qualquer outro meio de publicidade.

Deseja-se que um grande e generoso pensamento, funda e sinceramente sentido, seja nobre e cordialmente partilhado pelo maior numero, ao menos por todos aquelles que entre nós, têm votado ao sublime culto d'arte para a glorificação dos sentimentos estheticos e altruisticos da Humanidade, a minima parcella siquer de sua não de todo improdutiva existencia.

Ora, mais nobre e gloriosa missão não cuido eu que possa ter essa mesma imprensa diaria — em pie-

(1) Nunca foram publicados em jornal algum.

dosa expiação de todo o mal que possa fazer neste periodo de decadencia e transição que atravessamos —, do que reproduzir e espalhar a mancheias a sementeira artistica e litteraria que, com verdadeiro amor de mãe, a Humanidade produziu, accumulou e transmittiu, como supremo e gloriosissimo legado ás gerações vindouras.

A Divina Comedia do divino Dante é sem duvida a mais preciosa gemma desse preciosissimo thezouro, que temos o sagrado dever de zelar e restituir mais accrescentado se fôr possivel; ou antes, per si só, thezouro inexgotavel para nós outros quasi inexplorado ainda, mas que temos a obrigação de tornar publico, — embora mais de uma imaginação ardente e apaixonada alli se tenha transviado ou perdido de todo, como se fôra elle essa selva selvagem — "que não deixou jámais pessôa viva" no seu proprio dizer.

Celebra-se, pois, desse modo, com excerptos do humano apocalype dantesco, este anno, e pela primeira vez, que nos conste, em paiz de America que talvez venha a ser o maior legatario da immorredoura civilisação greco-romana, o 556º anniversario de incorporação á Humanidade, que tanto amor e tão supremo esforço poz em produzil-o, do maior poeta que jámais tenha honrado a nossa especie, inclusive Homero, unico que por ventura lhe possa ser comparavel.

E' que a Illiada e a Odysséa idealisaram, symbolisando-a, a vasta synthese dispersiva, se é possivel dizel-o, que produziu o brilhantissimo regimen politheico, militar ou sedentario, e povoou o céo da Grecia de uma constellação de deuses que se humanisavam sentindo a Hellade e de uma população de heróes, e a Divina Comedia é a idealisação symbolica dessa enorme synthese organica, monotheica sobrenatural embora, que engendrou o antero regimen catholico-feudal.

LIVRO DUODECIMO

ÆTERNA CARMINA

(Versões de Generino)

DANTE Á BEATRIZ

("Vita Nuova", Soneto XXVII)

A Henrique Sales

E' tão gentil e honesta, ao contemplál-a,
Quem me rende de amor, si alguem saúda,
Que, de tremula a voz se torna muda
E os olhos nem se atrevem a mirál-a!

Logo se vai, si alguem põe-se a gabál-a,
Beninamente que a modestia a escuda;
E, assim, do céo á terra se transmuda
Coisa que só milagre sóe mostrál-a!

Tão agradavel é, tem tal doçura
No olhar, com que captiva a quem n'a mira,
Que não póde idear quem não n'a prove!

E dos seus labios cuido que se move
Um tal fluido de amor e de ternura
Que vai dizendo ao coração "suspira!..." (1)

---

(1) Mantem-se, nestas tentativas de adaptação do verso dantesco ao verso portuguez a livre poetica do Dante, que, como todos os grandes e verdadeiros poetas, não era *ourives*, quero dizer parnasiano, a maneira dos *impassiveis* — os nossos grandes primeiros *poetas do nú*, que não conhecem entretanto as leis metricas da linguagem commum, como diria Pearson. Assim misturam-se indistincta e irregularmente, agudos e graves, segundo as exigencias do pensamento e a maior fidelidade da versão, attenta a diversidade das fórmas correlativas das duas linguas, não sacrificando nunca aquelle a estas| Diz Cherfils (L'esthetique positiviste) que "em vão timbra a versificação em ser indispensavel a tda poesia; elia não constitue uma arte especial. A fórma poetica é um aperfeiçoamento do idioma vulgar, mas no della se differencia pelo uso de formulas mais escolhidas. Quanto á sua parte technica, reduz-se á prosodia, que, em abono da verdade, é variabilissima entre nós. — *G.*

Figura n. 1
Dante

UM ANNO DEPOIS DA MORTE DE MONA BICE

DANTE — Vita Nuova, XXXIV

Veio-me á mal cuidosa phantasia
A gentil Dona que, por seu valor,
Foi posta, pelo Altissimo Senhor,
No céo, onde, entre humildes, vi Maria.

Amor, que bem presente ali a via,
Se me acordou no peito com ardor
E aos suspiros dizia: "Ide, onde fôr!"
— E cada qual dorido me sabia.

Sahiam soluçando do meu peito
Com voz, que sempre traz, doce e serena,
Lagrimas de dor a olhar que é triste

Mas, as que brilham com mais pena,
Vinham dizendo: Exclusivamente eleito,
Um anno faz que para o céo subiste.

CANTO PRIMEIRO DO "INFERNO"

Encontro de VIRGILIO e DANTE

Em meio o caminhar da nossa vida,
Embrenhado me achei por selva escura,
Tendo perdido a trilha conhecida.

Ah! como o só dizer me é coisa dura
Esta selvagem selva, áspera e forte,
Que ainda me apavora e me tortura!

De tão amara, um pouco mais é morte.
Mas, por dizer do bem que ali achei,
Direi d'algo que vi, da mesma sorte.

Eu bem não sei dizer qual nella entrei,
Tão somnolento andava, exactamente
Quando o ceraz caminho abandonei.

Mas, me achando ao pé de um morro, em frente
Ao qual morria o valle que me escalda
E assusta ainda o coração e a mente,

Olhando para cima, eu vi-lhe a espalda
Dos raios do planeta se innundando
Que o rumo certo ao viajor desfralda.

Então, foi-se-me, aos poucos, serenando,
No lago d'alma, o medo que durara
Toda essa noite que passei penando.

E, como quem, do pégo que o tragara,
Anciando afflicto, galga amiga riva
E volve e mira o mar que se escancara.

Assim minha coragem fugitiva,
Volvendo atraz, pôz-se a mirar o passo
Que não deixou jamais pessôa viva.

Depois que repousei o corpo lasso,
Pela encosta segui, que era deserta,
Sempre embaixo o pé firme, o outro no espaço.

E eis que, quasi á subida, sempre alerta,
Onça ligeira vi de pello inculto,
Que de malhado pello era coberta.

E não se me tirava de ante o vulto,
Impedindo-me o passo ao meu destino,
Que muita vez volvi por vêl-o inulto.

Já clareava o ambiente matutino
E o Sol ia-se erguendo entre as estrellas
Que o rodeavam, quando o amor divino

Fez do nada surgir coisas tão bellas.
De modo que a esperar me dava então
A linda pele dessa fera aquellas

Horas de luz, suavissima, a estação —
Mas não tanto, que um medo me não désse
A vista intempestiva de um leão.

Tão contra mim dissereis que viesse,
Alçando a fronte, em rabies esfaimada,
Que o ar, como que ao vêl-o, estremecesse.

E uma loba, de tudo carregada
Quanto é cubiça, em sua vil magreza,
Que a muita gente fez viver penada,

Poz em toda minh'alma tal graveza,
Co'o furor que no olhar lhe transparece,
Que a esperança perdi d'essa alta empreza.

E como quem, com muito esforço, houvesse
Bens que a sorte depois levou fallaz,
Emquanto pensa, chora e se entristece.

Tal roubou-me essa fera toda a paz,
Me impellindo a rolar, no assalto rudo,
Aonde luz de Sol se viu jamais.

Emquanto, em tôrno a mim, gyrava tudo,
Por meu pávido olhar foi descoberto
Quem do longo silencio estava mudo.

Assim que o lobriguei no gran deserto:
"Oh! tem pena de mim! — bradei chorando —
Quem quer que sejas, sombra ou homem certo.

Homem não sou; já fui — rompeu fallando —
E meus pais cidadãos foram lombardos,
Tendo por patria Mantua e a patria amando.

Nasci sub Julio, embora em dias tardos,
E na Roma vivi do bom Augusto,
Sob deuses fallazes e bastardos.

Fui poeta e cantei aquelle justo
Filho de Anchises, que de Troia veio
Quando o soberbo Ilion foi combusto.

Mas, por que volves da Géhenna ao seio
E não transpões o deleitoso monte,
Principio e occasião d'almo recreio?

E's tu Virgilio, a sonorosa fonte
Que espadana ao fallar tão largo flume?
Tornei, curvando envergonhado a fronte. —

O' dos outros poetas honra e lume,
Valha-me o longo estudo e o grande amor
De que eu tenho cercado o teu volume.

Tu és meu mestre e és o meu auctor.
De ti — de ti sómente — hei recebido
O bello estilo que me ha feito honôr.

Bem vês, de medo á fera, eis-me volvido;
Famoso sabio, alenta-me a coragem,
Que todo tremo ouvindo-lhe o rugido.

Convem mudar o rumo da viagem
— Tornou, ao ver-me em prantos — Si te é grata
Coisa o deixar este logar selvagem.

Que esta fera, que o grito te arrebata,
Ninguem deixa passar por esta estrada;
E, tal guerra lhe move, até que o mata.

E' tão má de natura, e tão malvada,
Que se não farta nunca e, de gulosa,
Quanto mais come é mais esfomeada.

Animaes, muitos são os que desposa,
E ainda mais serão, até que venha
Lebrêo trazer-lhe morte gloriosa.

Nutrir-se de ouro e terra esse desdenha,
Mas de virtude e sciencia e puro amor;
E que de Feltro a Feltro o berço tenha.

Será da humilde Italia o salvador,
Por quem morreu Camilla em virgindade,
Turno, Eurialo e Niso, em marcio ardor,

Caçal-a-ha tal Cão pela cidade,
Até que a torne a encurralar no Inferno,
Donde a inveja a arrancára por maldade.

Pelo quê, penso em teu bem, e te decerno,
Que me sigas; e eu serei teu guia,
Levando-te d'aqui por sitio eterno,

Onde ouvirás a estridula algenia
Dos antigos espiritos dolentes,
Aos quaes segunda morte aprazeria.

Verás depois aquelles que, contentes,
No fogo eterno, esperam possuir
A bemaventurança d'outras gentes;

A' qual, quando depois queiras subir,
Alma terás por guia, inda mais dina,
Com quem te deixarei quando partir.

Que o austero Imperador que ahi domina,
Tendo eu sido rebelde ao seu preceito,
Alma não quer que eu leve á luz divina.

Por toda parte impera e, rei perfeito,
Solio e côrte ali tem, reinando inteiro.
— Feliz de quem por ella fôr eleito!

E eu a elle: Poeta, eu te requeiro,
Por esse Deus que nunca conheceste,
E porque evite eu mal tão verdadeiro,

Que me leves comtigo onde disseste,
Donde eu veja São Pedro a porta abrindo.
E a afflictiva mansão que descreveste."

— Então moveu-se e empós o fui seguindo.

Figura n. 2
Dante, ao voltar do exilio
(Terra-cotta de Candido Caetano de Almeida Reis)
Vide a respeito a nota n. 2

CANTO TERCEIRO DO "INFERNO"

"Por mi se vai á Capital dolente,
A eterna dor, eterno captiveiro;
Por mim se vai á condemnada gente.

O meu alto Factor foi justiceiro,
Fez-me justiça o Omnipotente, e mais
A summa sapiencia, o amor primeiro.

Antes de mim, nada existiu jámais
Sinão o eterno e eternamente duro:
Perdei toda a esperança, ó vós que entrais."

Estas palavras, de um lettreiro escuro,
Escriptas vi por cima de uma porta,
"Cujo sentido, Mestre, inda me é duro."

E elle, como quem, sagaz, me exorta:
"Aqui, toda a suspeita é perdimento;
Toda a baixesa, aqui, deve estar morta.

Eis-nos onde te disse, inda ha momento,
Que verias as gentes dolorosas
Que perderam o bem do entendimento."

E, tomando-me a mão nas mãos bondosas,
Risonho o aspeito a assegurar-me a paz,
Entramos as regiões mysteriosas.

Aqui, prantos, suspiros e altos ais,
Resoavam pelo ar êrmo de estrellas,
Que as lagrimas conter não pude mais.

Diversas linguas, horridas loquellas,
Exclamações de dor, accentos d'ira,
Vozes roucas, labiáes, palmas entre ellas,

Tal ruido faziam, que alli gira,
Por essa escura bruma escurecida
Como areial, si o turbilhão respira.

E eu, que tinha a mente entristecida:
"Mestre, lhe disse, o que é que está soando?
Que gente é esta assim tão dolorida?"

E elle a mim: "Tal é o miserando
Modo das almas tristes, cuja vida
Sem infamia ou louvor se foi passando.

Erram por entre a turba envilecida
D'anjos que nem fiéis nem revoltosos
Fôram a Deus, — do egoismo só movida.

Não n'as querem os céos, de tão formosos,
Nem o profundo inferno a tal se atreve,
Que os máos seriam d'isso jubilosos."

E eu: "Mas, Mestre, o que é que tanto os deve
Maguar, que assim os faz carpir tão forte?
E elle a mim: "Vou dizêl-o e serei breve.

Não mais esperam estes pela morte;
E vivem cegamente em tal desgraça,
Que invejariam bem tod'outra sorte.

Nada que ao mundo recordal-os faça;
Justiça ou compaixão sempre os desdenha;
Não fallemos mais d'elles: olha e passa."

E eis que vi, como quer que olhado tenha,
Pendão gyrar, correndo accelerado,
Que jámais a parar cuidei que venha.

E seguia-o tal bando inestimado
De gentes, que jámais houvera crido
Tanta podesse a morte ter matado.

Depois de haver alguem reconhecido,
Olhei e a sombra vi d'esse que, em vida,
Tornara vil renuncia envilecido.

Logo occorreu-me á mente esclarecida
Que era bem esta a seita dos captivos
Que não amam nem Deus nem gente infida.

Miseros taes, que nunca foram vivos,
Estavam nus e eram ferrôados
Por cruéis vespas e atavões noscivos.

Tinham de sangue os rostos inundados,
Que, a seus pés, de mistura ao pranto ardente,
Iam vermes sugando esfomeados.

E, assim que pude olhar mais longamente,
Gentes á margem vi de um grande rio.
Razão por que disse eu: "Mestre, consente

Que eu endague quem são e que alvedrio
Os compelle a passar para defronte,
Taes como os vejo, pelo ar sombrio."

E elle a mim: "Espera que t'o conte,
Quando houvermos parado da jornada,
Sobre a triste ribeira de Acheronte."

Então, baixando a fronte envergonhada,
Qual se o temera encommodar fallando,
Fui seguindo até lá, bocca calada.

E eis que vi, para nós vir navegando,
Encanecido ancião d'argenteo pello,
A bradar: "Ai de vós, damnado bando!

O céo, não mais o céo espereis vêl-o;
Que eu venho por passar-vos a outra riva,
A' sempiterna treva, ao fogo e ao gelo.

E tu, que andas por cá, ó alma viva,
Parte, abandona a região da morte."
Mas, vendo-me a vontade um tanto esquiva:

"Para outras plagas, disse, onde se aporte,
Passagem tomarás, não por tal via...
— E que mais leve lenho te transporte!"

"Não te zangues, Caron, tornou meu guia.
Assim o quiz, lá onde póde tudo,
Quem tudo quer... e tregua á algaravia!"

Foi-se acalmando o rosto cabelludo
Ao barqueiro da livida palude
Que, em fogo, o olhar lanceava carrancudo.

Nuas, porém, e em misera attitude,
Almas taes vi sem côr, rangendo os dentes,
Logo que assim fallar o viram rude.

Blasphemavam de Deus e seus parentes,
Da especie humana e mesmo da semente
Que os gerara, e até dos descendentes.

Depois foram seguindo, juntamente,
A soluçar, da riba que se abraza
E espera quem temor de Deus não sente.

Caron, demonio atroz d'olhos de braza,
As recolhe, a acenar da nave ao bojo,
E dá de remo na que mais se atraza.

Como outoniças folhas que, em despojo,
Tombam, uma por uma, até que o trama
Por terra jaz, despido como o tojo,

Assim filhos de Adão, que o crime infama,
Vão-se, um por um, da plaga despenhando,
A um aceno dos seus, como ave á chama.

Sobola vasa escura vão-se errando;
E, antes que tenham lá desembarcado,
Aqui de novo espera um novo bando.

E o Mestre cortezmente: "Filho amado,
Todo o que morre em cólera divina,
Do seu paiz, qual flôr, é aqui chegado.

Logo passar tal rio determina;
Pois a justiça eterna o aguilhôa,
Que em desejo o temor lhe muda a sina.

Alma jámais aqui passou, si é boa;
E, pois, si de Caron moveste a sanha,
Não vale o que elle diz pelo que sôa."

Depois do que, a humida campanha
Tremeu tão fortemente, que de espanto
E suôr inda a fronte se me banha.

Soprou da terra em pranto rijo vento;
Fuzilou rubra luz com grande entono,
Que me roubou da vida o sentimento.

E cahi como quem cái morto de somno.

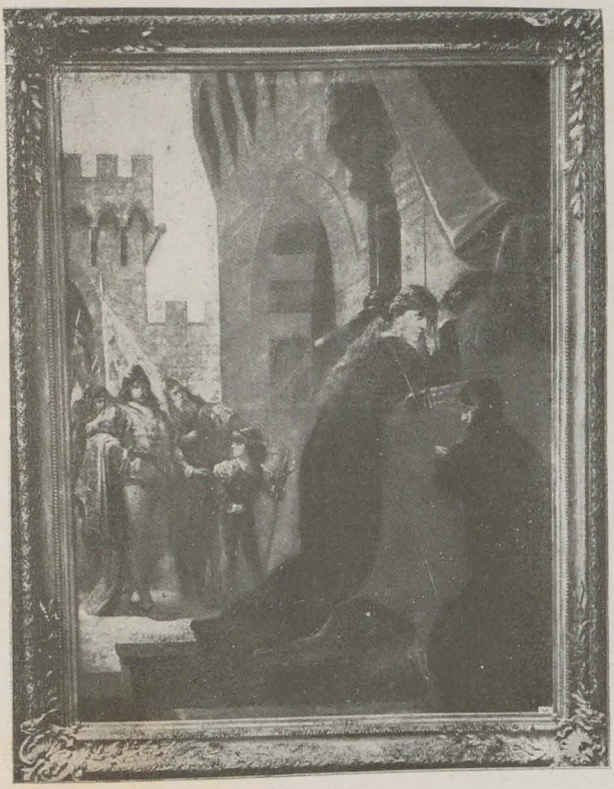


Figura n. 3
Francesca da Rimini
(Primeiro encontro de Paolo e Francesca)
Quadro a oleo de Aurelio de Figueiredo na Pinacotheca da Escola Nacional de Bellas Artes
Vide nota n. 3

Eis sinão quando Paulo que á Ravenna,
Mensageiro da paz, traz a alliança
Subito estaca ao ver aquella scena.

Todo estremece; e, preso á loira transa,
Mixto de amor e magua e infinda pena.
Nem já no "Inferno" a liberdade alcança!

GENERINO.

FRAGMENTO DO CANTO QUINTO DO "INFERNO"

PAOLO E FRANCESCA DA RIMINI

Depois de ter ao meu Doutor ouvido
Nomear cada qual como quem era,
Quasi de compaixão quedei tranzido.

E comecei: "Poeta, bem quizera
Fallar aos que ali vão, n'um vôo incerto...
Tão ligeiros, que o vento os não vencera!"

E elle a mim: "Verás quando mais perto
Estiverem de nós; então lh'o pede,
Pelo amor que os conduz: virão, de certo."

Assim que o vento a tal desejo cede,
Exalço a voz: "O' almas affanadas,
Vinde fallar-me, si algo o não impede."

Como amorosas pombas abrasadas,
D'aza espalmada e firme, ao ninho fido,
Voam pelo ar, do proprio voar levadas,

Taes, sahindo do bando onde era Dido,
Nos vieram, rompendo o ar pestivo,
Tanto as tocara o brado enternecido.

"O' animal gracioso e compassivo,
Que nos vens ver, por este ambiente adverso,
A nós que derramámos sangue vivo;

Fôra que nós quem reina no Universo,
Impetráramos paz a quem piedade
Tanto ha movido o nosso mal perverso.

Do que fallar e ouvir te mais agrade,
Ouvir e fallar comtigo nos agrada,
Emquanto silencia a tempestade.

A terra em que nasci, fica assentada
Lá donde desce o Pó e haver pretende
Com seus sequazes vida socegada.

Amor, que terno coração se prende,
Logo prendes-me ao da gentil pessôa,
Cuja nefanda perda inda me offende.

Amor, que a amado algum amar perdôa,
Prendeu-me a tal prazer, tão vivo e forte,
Que ainda, como vês, commigo vôa.

Conduziu-nos Amor a uma só morte:
Caina aguarda o réo de taes offensas."
Disseram elles isto de tal sorte.

Ouvindo-as assim dizer, no ar suspensas,
Baixei o rosto, e tanto, e tão baixado,
Que o Poeta me disse: "Em que é que pensas?"

E retorqui-lhe: "O' miserando fado!
Quanta scisma de amor, n'ancia do gozo,
Lhes não custara o lance amargurado!"

Figura n. 4
Paolo e Francesca
Quadro a oleo de Decio Villares
Vide nota n. 4

E, para os dois, volvendo o olhar choroso:
"Olha, Francesca, disse, os teus martyrios
Me fazem prantear, triste e piedoso.

Mas, dize, a suspirar, lyrio dos lyrios,
A quem e como concedeste amor,
Que te abrazaste em sensuaes delirios?"

E ella a mim: "Não! não sei de maior dôr
Que recordar-se no infortunio a gente
De quando foi feliz! — sabe-o o Doutor.

Mas, si queres saber radicalmente
Do nosso amor o primitivo aspeito,
Como quem chora e diz, direi sómente:

Liamos nós, um dia, o escuso feito
De como a Lancillotto amor rendera...
Nós dois, a sós, sem algo de suspeito.

Mais de uma vez o olhar se suspendera
De tal leitura, livido o semblante...
Mas um só lance foi que nos vencera.

Quando lemos que o riso amado o amante
Em capitoso beijo foi colhendo.
Este que mais de mim não foi distante,

A bocca me beijou, todo tremendo...
Galeotto o livro foi. Desde esse dia,
Ninguem mais, nunca mais, nos viu mais lendo!"

Emquanto isto um espirito dizia,
Chorava o outro com tanto desconforto,
Que morrido de dó cuidei que havia;

Figura n. 5
Pape Satan
Quadro a oleo de Decio Villares, no qual apparecem Dante e Virgilio, inspirado no canto VII do "Inferno", de Dante

---

Aqui reina Satan! Ah! passa fóra...
Poz-se a bradar Plutão com voz rouquenha.
E o meu Sabio gentil que nada ignora
Assim me confortou: Te não retenha
O medo; que o poder, que tanto exara,
Te não veda ascender áquella penha
E, detendo-lhe a labia, que se some,
Disse: cala-te, lobo amaldiçoado!
E comtigo, essa raiva, em ti, consome.
Ninguem impunemente anda em peccado.
Assim se quiz onde Miguel que os dome,
Pune o dos que a soberba ha revoltado.

Versão Generino.

Figura n. 5
Pape Satan
Quadro a oleo de Decio Villares, no qual apparecem Dante e Virgilio, inspirado no canto VII do "Inferno", de Dante

---

Aqui reina Satan! Ah! passa fóra...
Poz-se a bradar Plutão com voz rouquenha.
E o meu Sabio gentil que nada ignora
Assim me confortou: Te não retenha
O medo; que o poder, que tanto exara,
Te não veda ascender áquella penha
E, detendo-lhe a labia, que se some,
Disse: cala-te, lobo amaldiçoado!
E comtigo, essa raiva, em ti, consome.
Ninguem impunemente anda em peccado.
Assim se quiz onde Miguel que os dome,
Pune o dos que a soberba ha revoltado.

Versão Generino.

CANTO DECIMO DO "INFERNO"

O TUMULO DE FARINATA (1)

Ora nos vamos por estreita rua,
Entre o muro da terra e tratos duros,
Meu Mestre adeante e eu á espadua sua.

O' virtude sem par que aos impios gozos
Me guias, comecei, como te appraz,
Falla-me e apazigua os meus suspiros.

A gente, que por tais sepulchros jaz,
Poderei ver? Já vejo levantados
Seus tampos: e ninguem mostrar se faz.

E elle a mim: Mas serão todos cerrados,
Quando de Josaphat volvam um dia
Com seus corpos, lá em baixo abandonados.

---

(1) Este canto d'"O Inferno" (adaptação Generino) foi, pouco antes da quéda do 2.º Imperio, em eloquentissimo discurso de opposição, recitado em plena sessão da Camara dos Deputados, e como tal inserto no "Diario Official," pelo deputado Belisario Augusto Soares de Souza — o "Mirabeau da Praia Grande" — cujo nome aqui se registra em homenagem aos seus celebrados dotes d'eximio orador parlamentar e ao fervoroso culto que sempre rendia ao Altissimo Poeta.

Cemiterio aqui tem a seita impia
De Epicuro, com seus apaniguados,
Que a alma morta com o corpo crer soia

Quanto ao caso, porém, de que me fallas,
Verás breve, aqui dentro, tudo exposto;
— E cumprido o desejo que me calas.

Não tem, bom Duque, occulto pressuposto
Meu coração, si é parco em desafogo.
E não me estás, agora, a tal disposto?

Toscano que, pela mansão do fogo,
Vivo, te vais, assim fallando, honesto!
Praza-te aqui ficar; cede ao meu rôgo.

Essa tua loquela, é manifesto,
Te vem da nobre patria, cuido eu,
A quem houvesse, assás talvez molesto.

Mas eis que um som de subito se ergeu
D'uma das arcas; que, temendo,
Mais me fui conchegando ao Duque meu.

E elle a mim: Mas, então? Que estão fazendo?
Vê: Farinata vai-se erguer e direito:
E, cinta acima, tudo estará vendo.

Já sobre o meu fitou seu duro aspeito;
E com o collo se ergueu, se ergueu com a fonte,
Como se houvera o Inferno em grã despeito.

E pela mão do Duque, porque o affronte,
Por entre as sepulturas, fui levado
Onde elle estava; e disse: Breve e esponte.

Logo que ao pé da sua fui chegado,
Olhou-me um pouco e, quasi desdenhoso,
Foi perguntando: Que pais te hão gerado?

E, bem de obedecer-lhe desejoso,
Não lh'o occultei nem lh'os mostrei diversos
Pelo que sobre olhou-me temeroso.

E disse: Foram ferozmente adversos
A mim, meus ancestraes e meu partido;
E duas vezes, por tal, foram despersos.

Mas hão, depois de expulsos conseguido,
Uma e outra voltar, tornou de enfiada
— Não tem tal arte os vossos bem sabido.

E eis que á vista me surge destacada
Uma sombra, alongando-se até o mento,
Cuido que sobre os joelhos levantada.

Olham em torno a mim como si intento
Houvesse de ver si alguem era comigo.
E após, de suspirar cobrado o alento,

Disse, a chorar: Si o reino do castigo
Transpondo vaes por força d'alto engenho,
Qu' é de meu filho quando 'stá comtigo?

E eu a elle: Eu por mim só não venho
O que lá espera, vir aqui me ordena,
Talvez quem vosso Guido honre eu desdenho.

Palavras taes e o modo de tal pena
Nomearam-me o auctor de tal assomo;
Porém sua resposta foi tão plena!...

Subitamente erecto, bradou: Como
Disseste? "Houve?" Então não vive agora?
Não brilha em seu olhar lucido chromo?

Mas, quando aperceber-se de demora
Com que eu lhe respondia a tal resposta,
Resupino tombou, sem mais vir fóra.

Magnanima entanto, a outra, ali bem posta
Onde me achava, não mudou de aspeito
Não alçou collo nem cahiu de costa.

"E si, explanando o anterior conceito,
Não houveram tal arte — disse — e peza —
Isto me afflige mais do que este leito.

Mas não verás, vezes cinquenta, accesa
A face desta dona que aqui rege,
Sem que saibas quanto aquella arte pesa.

E, si não mais teu despotismo o rege,
Por que, tão impio, povo tal contemplo,
Tão contra os meus, em cada lei que elege?

E eu a elle: O estrago e o grande exemplo
Que abia fizeram se tingir de roxo,
Tal oração resoa em nosso templo.

E ondeando fronte n'um suspiro formoso.
Nisto não fui só eu — disse — nem certo
Sem razão estou eu n'um tal arroxo.

Mas fui eu só, onde soffres de perto
Cada um delles, porque soffreu Florença,
Quem n'a então defendeu de viso aberto.

Ah! que repouse vossa prole immensa!
Só lhe peço, desate-me este nada
Que embrulhado aqui tem minha sentença.

Depois moveu a mão sinistra o pé,
Deixando o muro — e fomos para o meio
Por um atalho, findo o que se vê

Um valle a rescender — falta de asseio!

E', cuido eu, que envelheceis de todo
Ante o que o tempo affasta e de nós dista;
E tendes, no presente, um outro modo.

Nós vemos, como os que tem fraca vista,
As coisas — disse — que não longe vão,
Tal seja o amor com que nos Deus assista.

E, só proximas são, em tudo é vão
Nosso intelecto; a outras nos reporta
Nada sabemos das que humanas são.

Mas póde comprehender que seja morta
Toda a noção de um ponto apercebido
Que do futuro houver fechado a porta:

E então, da minha culpa condoido,
Disse: Pois dize áquelle espectro mudo
Qu',entre os vivos, seu filho, vivo, é tido

E que, si eu fui a tal resposta mudo,
Faze saber, se o fez, que laborava
Em engano que já se desfez comtudo

E já o Mestre meu me concitava
A que rogasse o espirito mais prompto
Que me dissesse quem com elle estava.

Disse: Por mil, os que aqui jazem, conto
Frederico segundo está commigo
E o Cardeal e outros de reconto.

Escondeu-se depois; e, para o antigo
Poeta moveu os passos, rumando
Esse dizer que não cuidei de amigo.

Este moveu-se; e, após, assim andando,
Me disse: Porque estás tão sucumbido?
E satisfez-lhe o que ia perguntando.

Conserva em tua mente o que has ouvido
Que ha contra ti: — mandou-me a sabia imagem
Attenta agora aqui. — E o dedo erguido,

Quando tu fores sob a vassalagem
D'aquelle bello olhar que te prevê,
Verás o rumo da vital viagem.

CANTO DECIMO TERCEIRO DO "INFERNO"

A FLORESTA DOS SUICIDAS

Inda não tinha Nessus lá chegado,
Quando entrámos uns bosques temerosos
Que havia humano pé jamais trilhado.

Ali, não verdes frondes, mas nodosos
Ramos de plumbea côr, emaranhados:
Não fructos, mas espinhos venenosos.

Nem tão densos e asperos sylvados
Têm as feras que em odio se comprazem,
De Cecina a Corneto aos cultos prados.

As harpias ali seus ninhos fazem,
Que expelliram da Stróphada os Troyanos,
Predizendo-lhes perto a rapinagem.

Largas azas; o collo e o rosto, humanos;
Garras trazem nos pés e plumeos ventres,
Emprindo o ar de gritos sobrehumanos.

E o meu bom Mestre a mim: "Primeiro que entres'
Sabe que estás no circulo segundo;
E em ti mesmo convem que te concentres,

Emquanto fores no areial immundo...
Mas olha bem, observa, e então verás
Coisas que attestam meu dizer profundo."

Por toda parte ouvia agudos ais,
Sem jamais descobrir ninguem que os désse;
Razão por que pasmei, de mais em mais.

E então cri que elles criam que eu bem crêsse
Que vozes taes sahiam dentre os troncos
Onde alguma pessôa se escondesse.

E o Mestre a mim: "Si um galho a estes broncos
Arvoredos quebrares, pelas falhas,
Mutilados, darão gémulos roncos."

Da basta selva, então, por entre as malhas,
Um raminho colhi, que anciou de véras.
E seu tronco bradou: "Porque me esgalhas?"

E o sangue, a borbotar qual n'outras éras:
"Nenhuma compaixão acaso sentes?"
Flebil, tornou: "Por que me dilaceras?

Hoje troncos, outr'ora fomos gentes:
Tua mão bem devera ser mais pia...
Nem que fôramos almas de serpentes!"

Como verde tição que se esbrazia
D'um dos lados ,emquanto do outro geme
E crepita, chiando á ventania;

Tal do lascado tronco a magua expreme
Sangue e palavras taes, que tristemente
Curvei a fronte, assim como quem teme.

Figura n. 6
Baixo relevo decorativo de Eduardo de Sá, para a Sala "Dante", na Bibliotheca Sul-Riograndense, em Porto Alegre, inspirado no canto XIII, do "Inferno", de Dante.

Largas azas, o collo e o rosto humanos
Garras trazem nos pés e plumeos ventres,
Emprindo o ar de gritos sobrehumanos.

Versão Generino.

Si elle houvera podido crer sómente
Tornou-lhe o Sabio — "ó alma atormentada,
O que viu e lh'o disse em rima ingente,

De sua mão jámais fôras tocada;
Mas tão incrivel caso o havia crido,
Que o induzi a fazer o que me apiada.

Mas, quem foste, é dizer-lh'o, que o perdido
Nome talvez te possa ser tornado,
No mundo a que tornar lhe é permittido."

E o tronco: "E's, no fallar, de tanto agrado,
Que me não posso ter; não, pois, te aggraves,
Si, no que vou dizer, fôr demorado.

Aquelle eu sou que, tendo a duas chaves
De Frederico o coração, lhes dava
Voltas, fechando e abrindo-o, tão suaves,

Que os segredos jámais ninguem lhe entrava.
Fiei de mais no glorioso officio,
Emquanto, dia e noite, o exercitava.

Meretriz que jámais do regio hospicio
De Cesar desviara olhos rameiros
— Morte commum e cortezaneo vicio...

Tão contra mim os animos inteiros
Inflammou e inflammaram taes a Augusto,
Que perdi seus favores costumeiros.

Então minh'alma, num desdêm robusto,
Cuidando ser-lhe a morte desempenho,
Injusto me fez ser commigo justo.

Pelas novas raizes deste lenho
Vos juro, que jámais fui fementido
A meu senhor, que ainda em honra tenho.

Si algum de vós ao mundo fôr volvido,
Resgate-me a memoria, que inda a abala
Crime que só da inveja foi movido."

Quedou-se um pouco e após: "Já que se cala...
Me disse o Poeta: Vamos, sem demora!
Pergunta o que quizeres, porém falla."

E eu a elle: "Interroga-o tu agora
Do que cuidares mais te satisfaça;
Que eu não posso, tal magua me devora."

Pelo que lhe tornou: "Dado que faça
Este o que pedes, de bom grado, — attende,
Alma que presa estás — faze-lhe a graça

De dizer como é que a alma se prende
Nestes nós; e dizer, si isso te é dado,
Si jámais destes nós se ella desprende."

Soprou ruidosamente o interrogado
Tronco e o arruido em voz se lhe cambia:
"Pouco direi do que me has perguntado.

Quando se vai do corpo ûa alma impia
Que rompe á propria vida o laço amigo,
Para a setima foz Minos a envia.

Cai n'esta selva e anda ao desabrigo;
Mas, lá onde da sorte fôr cuspida,
Ali germina como um grão de trigo.

Rebenta em haste, é sylva já crescida,
As harpias, pascendo-lhe a folhagem,
Lhe causam dôr e á dôr lhe dão exida.

Viremos nós tambem pela roupagem
Mortal, sem que jámais cinjamos esta;
Que fôra injusto haverem-n'a os que a ultragem.

Aqui, por esta lúgubre floresta,
Rojaremos os corpos, sempre presos
A sylvas, cuja sombra nos molesta.

Inda attentos ao tronco, em dôr accessos,
Cuidavamos não mais dizer quizesse,
Quando um rumor nos fez quedar sorpresos.

E como quem, da espera em que jazesse,
Javali, d'uma infrene monteria
Acossado, ao alarido, a percebesse;

Assim, fugindo em doida correria,
Nús e arranhados, vimos, d'um só córte
Romperem dois, da esquerda, a ramaria.

Lano, á frente, bradava: "Accorre, morte!"
E, retardado, atraz, tambem Jacopo:
"Tu não davas ás gambias de tal sorte,

Lano, quando justavas lá no Toppo!..."
Já, de cançado, o alento lhe escasseia...
E amoitou-se, tombando como um Chopo.

Era-lhe empós a selva toda cheia
De negros cães, famintos e correntes,
Como galgos escapos da cadeia.

No que tombou, ferraram logo os dentes;
E, aboccanhando-o ali, sem compaixão,
Aboccaram-lhe os membros inda quentes.

Tomou-me então meu guia pela mão
E conduziu-me á moita, que chorava
Pelas feridas sangue, mas em vão.

"Jacopo Santo André! — esta exclamava —
De que te val meu tibio agasalhado?
Culpada eu fui de tua sorte ignava?"

Quando, ao pé della, o Mestre foi chegado,
Disse: "Quem és, que inumeras feridas
Dizem com sangue e dôr o que has jurado?"

E ella a mim: "O' almas sempre unidas,
A quem nefando ultraje a vista ennoita,
Que a mim levou-me as folhas desprendidas,

Recolhi-as ao pé da triste moita.
Fui da Cida, a qual, pelo Baptista
Tendo trocado o padroeiro, açoita

Marte — da morte o bellicoso artista.
E si, lá onde o Arno é atravessado,
Não mais a sua estatua fôra vista

Quem n'a houvesse de novo edificado
Sobre os destroços que Atila abrasava,
Todo o labor tivera por baldado.

— Eu me enforquei na casa em que morava."

FRAGMENTO DO CANTO VIGESIMO SEXTO DO "INFERNO"

NARRATIVA DE VIAGEM DE ULYSSES (O BRASIL?)

.....

Fallou em lingua estranha e disse: Quando

Deixei Circe que fez com que eu ficasse
Por mais de um anno ali, junto á Gaëta,
Antes que Enéas tal a nomeasse,

Nem doçuras de filho ou dôr discreta
De velho pai, nem o devido amor
A' Penelope, ardente e irrequieta,

Me puderam vencer o intimo ardor
Que puz em me tornar, no mundo, esposto
Dos humanos ardis e seu valor.

Lancei-me então por alto mar aberto,
Em fragil lenho e minima campanha,
Que nunca o posto seu deixou deserto.

Plaga e mais plaga vi, lustrando a Hespanha
Até Marroco, e a insula dos Sardos,
E tantas mais, que o mar circunda e banha.

Eramos, todos nós, velhos e tardos,
Quando vimos a foz daquelle estreito, (*)
Que Hercules visou com seus esguardos

Antes que humano lhe attingisse a meta.
A' mão direita, já deixei Cibilia;
E, á esquerda, havia já deixado Setta.

E disse: O meus irmãos, que, sem quizilia,
Cem mil perigos vistes no Occidente,
A esta pequenissima vigilia.

Dos sentidos, que falta tão sómente,
Não me queiraes negar vossa experiencia:
— Direito ao Sol! Ao mundo inda sem gente!

Considerai a vossa descendencia.
Vós não fostes creados para brutos,
Mas seguir a virtude e a consciencia.

E puz meus companheiros tão argutos
Com tal falla que fiz pelo caminho
Que outros tive jámais tão resolutos.

E, dando á pôpa, de manhã cedinho,
Dos remos pandas azas fez Eólo
Sempre, a rumar á esquerda, direitinho.

Já todas as estrellas do outro polo
Vira; e, tão baixo, o nosso era no espaço,
Que nem surgia á fluz do equoreo solo.

Cinco vezes reacesso; e tão escasso
Se mostrava seu lume sob a lua,
Depois que penetramos o alto passo,

(*) Gibraltar.

Quando escura montanha se accentúa
Longe. Vimol-a, alegres, crescer tanto,
Que tão alta não vi montanha algúa.

Mas a alegria se nos muda em pranto.
Da nova terra um turbilhão desagua
E percorre do lenho o primo canto.

Fêl-o gyrar, tres vezes, com toda a agua,
Mais alto, á quarta, a pôpa levantou-se,
E a prôa se afundou com grande fragua,

Até que, sobre nós, o mar fechou-se... (1)

---

(1) Nel suo racconto di viagio all'America del Sud, Orlando Manuel ha ditto che'l bel paese oltre Gibraltar, di cui parla profeticamente Dante, per bocca d'Ulysses, nel canto XXVI dell'Inferno per uno del Canti della sua Commedia, c'é Rio de Janeiro. — *G.*

Lo bel pianeta che ad amar conforta,
Faceva tutto rider l'oriente,
Velando i Pesci, ch'erano in sua scorta.
Io mi volsi a man destra, e posi mente
All'altro polo, e vidi quattro stelle,
Non viste mai, fuor che alla prima gente.
Goder pareva il ciel di lor fiammelle.
O settentrional vedovo sito
Poichei privato si mirar quelle!
Dante, "Il Purgatorio" I.

No seu raconto de viagem á America do Sul, disse Orlando Manuel que o bello paiz para além de Gibraltar, de que propheticamente falla Dante por bocca de Ulysses, no canto XXVI do Inferno, é o Rio de Janeiro. — *G.*

O planeta sensual que a amar convida
Então fazia rir todo o Oriente.
Velando os Peixes, sua escolta fida.
Volvi-me á mão direita e, pondo a mente
No outro polo, vi eu — vi quatro estrellas,
Vistas tão só da primitiva gente.
Folgar dir-se-hia o Céo com o brilho dellas.
O septentrional e viuvo sitio,
Porque privado estaes de as ver tão bellas?
Dante "O Purgatorio", I.

Figura n. 7
Baixo relevo decorativo de Eduardo de Sá, para a Sala "Dante", na Bibliotheca Sul-Riograndense, em Porto Alegre, inspirado no canto VI do "Inferno", de Dante.

Cerbero, fera cruel, formi-diversa,
Com tres fauces e caninamente ladra
Sobre a gente que vive ali submersa.

Versão Generino.

FRAGMENTO DO CANTO TRIGESIMO TERCEIRO DO "INFERNO"

A Torre da Fome — Morte do Conde Ugolino

Do fero pasto a bocca tendo erguido,
Limpou-a o peccador no immundo pello
Do craneo, que por traz havia roido,

E começou: "Pois queres tu sabêl-o?
Renovarei a dôr que esta alma sente,
Só de pensal-o quanto mais dizêl-o.

Mas, si dizêl-o deve ser semente
Que produza ao traidor da infamia o fructo,
Verás que digo e choro juntamente:

Não sei quem sejas, nem siquer prescruto
Como chegaste aqui, mas florentino
Cuido eu que tu és pelo que escuto.

Deves saber que eu fui Conde e Ugolino;
E este, arcebispo foi e foi Rogerio:
Dir-te-hei como prendeu-nos o destino.

Que, desvairado por seu máo criterio,
E fiando-me nelle, houvesse eu sido
Preso e morto depois, não te é mysterio.

Porem o que não podes ter sabido
— Como crua me foi a cruel morte —
Vou dizer-to. E verás quanto hei soffrido.

Breve setteira em "Mida" ou casa-forte
Que de "Torre da Fome" hei nomeado,
E a ninguem oxalá reserve a sorte;

Já muitas luas tinha-me mostrado,
Quando atroz pesadelo, em meio ao somno,
Poz-me o futuro inteiro desvendado,

Ao que vês, vi eu dar, senhor e dono,
Caça a lobo e lobachos pelo monte,
Que entre Luca e os Pizões põe o abandono.

Com magros cães, expertos destramente,
Gualando com Sismundos e Lamfrancos
Se haviam posto da matilha á frente.

Exhaustos já, nos ultimos arrancos,
Pai e filhos vi eu, e presa afiada
Lacerar-lhes as carnes pelos flancos.

Quando me despertei de madrugada,
Meus filhinhos ouvi chorar sonhando
Pedindo pão, com voz amargurada,

E's bem cruel se te não dóes, pensando
No que o meu coração me annunciava!
E, si não choras, que ouviras chorando?

Eram despertos já. Se approximava
A hora em que o comer se nos trazia.
E, por seu sonho, cada qual receiava.

E a porta ouvi trancar que embaixo abria,
A formidanda Torre. E, espavorido
Em face os contemplei... nada eu dizia.

Eu não chorava mais, de empedernido,
Choravam elles: e Anselminho disse:
Que tens, meu pai? Que olhar tão dolorido!

Não chorei nem disse algo que se ouvisse
Todo esse dia, e á noite assim foi feito
Até que ao mundo um outro sol surgisse,

Quando um raio de luz varou direito
O carcer doloroso, e reflectido
Em quatro rostos vi meu proprio aspeito,

Ambas as mãos mordi-me enfurecido:
E elle, cuidando então que era de fome
Súbito ergueu-se e disse commovido:

Menos doêra a dôr que te consome,
Si comesse de nós; tu nos vestiste
Esta carne infeliz: despoja-a e come.

Quietei-me por não mais fazêl-o triste...
E dois dias passamos nós calados.
Ah! dura terra, por que não te abriste!

Mas, sendo ao quarto dia emfim chegados,
Gaddo se me estendeu aos pés, dizendo:
Meu pai, porque me has abandonado!

E ali morreu! E, como me estás vendo,
Do quinto ao sexto dia, allucinado,
Vi, um por um, os tres irem morrendo!

Já cego, a tacteal-os, que os não via,
Tres dias os chamei... eram bem mortos:
Mais que a dôr, o jejum podido havia."

Disse. E dizendo assim, com olhos tortos,
Ferrou, como os de um cão, no craneo os dentes,
Até o osso, deixando-nos absortos.

O' Piza, vituperio atroz das gentes
Desse bello paiz onde o si sôa.
Si, em punir-te, os visinhos são clementes,

Desloque-se a Capraria, e com Gorgôa,
Represe o Arno em sua foz, com trama
Tal, que se agogue ali qualquer pessôa.

Que si o Conde Ugolino havia fama
De haver trahido, a ti e os teus castellos,
Tal pecha seus filhinhos não infama:

— Devia a tenra idade absolvel-os.

FRAGMENTO DO CANTO UNDECIMO DO "PARAISO"

PANEGYRICO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Entre Tupino e a agua que descende
Do outeiro que elegera o beato Ubaldo,
Fertil encosta d'altro monte pende,

Onde Perugia ha frio ou ha rescaldo
Pela Porta do Sol, emquanto plange
Pesado jugo atroz Nócera ou Gualdo.

D'aquella encosta, onde o esguardo abranges
Toda a aridez, um Sol se vê nascer
Como, mais d'uma vez, nasce do Ganges.

Mas, quem de tal logar fallar quizer
Não n'o chame de "Assis", que falla torto,
Mas "Oriente", si bem quizer dizer.

Não era mui distante desse horto
Que a fazer começou sentir á Terra
De sua gran virtude algum conforto.

Por cujos dons, rapaz, se viu em guerra
Com seu pai, para quem, como a da morte,
A porta do prazer ninguem descerra.

E, perante sua espiritual côrte,
Com ella — dil-o o pai — se fez unido
Amando-a com amor sempre mais forte.

Ella, viuva então de um só marido,
Annos mil e cem, ou mais, pobre e obscura,
Com elle se ligou, empobrecido.

Nem lhe valeu ouvir estar segura
Com Amiclate, dizer, de viva voz,
Quem, com pavor, no mundo inda perdura.

Nem valeu ser constante a tão feroz,
Que Maria, ao sopé da cruz em uso,
Não subisse com Christo ao lenho atroz.

Mas, por não parecer de todo occluso,
Por Francisco e Pobreza taes amantes
Sejam elles, no meu dizer confuso.

Sua concordia e, ledos, seus semblantes
Amor e maravilha e doce esguardo,
São de santo pensar fontes constantes;

Taes, que o venerandissimo Bernardo,
Que primeiro se alçou, a tanta paz
Corre e lhe pareceu, correndo, tardo.

O' ignota riqueza. O' bem veraz!
Com Egydio, descalça-se Sylvestre
Seguindo o esposo — e a esposa se compraz. (*)

.....

(1) E então se foi tal pai e foi tal mestre.
Com sua Dona e humilima familia
Que já cingiu o seu cordão agreste

E após soffrer martyrio glorioso
Em face do Sultão que o orgulho enerva
Pregando a Christandade, fervoroso,

E por achar á conversão proterva
De mais a gente, e não ficar ocioso,
Regressa ao fructo da italiana herva.

Entra Tevero e o Arno em dura pedra
Tomou de Christo estygma que encobre
E, há dois annos, nos seus membros medira.

Quando, a quem de tantos bens o cobre,
Fazer-lhe approve a altissima mercê
Que conquistou de se fazer tão pobre.

A seus irmãos e a quem ao justo crê,
Recommendou a dama que elle amara
E ordenou que amassem-n'a com fé.

E do seu gremio então a alma preclara
Mover-se quiz ao reino seu tornando...
E seu corpo outra tumba não sonhara.

FRAGMENTO DO CANTO TRIGESIMO TERCEIRO DO "PARAISO"

ORAÇÃO DE SÃO BERNARDO

O' Virgem Mãe e Filha de teu Filho,
Mais alta e humilde que outra creatura,
Termino fixo de eternal Concilho.

Aquella és tu que a humana e vil natura
Tanto nobilitou, que o seu Factor
Não desdenhou de ser sua feitura.

Reaccendeu-se no teu ventre o amor,
A cujo alento, em paz, que aqui só acho,
Assim foi germinando est'alma flôr.

Sê-me, aqui, meridiano facho
De caridade; e, fonte ao mais sedento,
Sê da esperança, entre os mortaes, lá em baixo,

Dona, és tão grande e tens tal valimento,
Que, quem quer graça, e logo a ti não corre,
Quer que, sem azas, possa voar-lhe o intento.

Tua beninidade não socorre
Quem te supplica só; mas, na verdade,
Incitando a pedir, não raro, accorre.

Em ti misericordia, em ti piedade,
Em ti magnificencia, em ti se reuna
Quanto haja em creatura de bondade.

Este que, desde a infima lacuna
Universal até aqui, tem visto
Quanto a vida do espirito reúna;

Te supplica, em mercê de quem fez isto,
Possa elevar o seu olhar, no espaço,
Mais alto, até o ultimo céo previsto.

E eu, que ardendo por vêl-o, mais não faço.
Do que por que elle o veja, humil te peço
(E não seja — oxalá — meu rogo escasso),

Que lhe desvendes o nevoeiro espêsso
De seus olhos mortaes, rogando, asinha;
E que lhe seja este prazer concesso.

Peço-te mais, celestial Rainha
Que quanto queres tens, que, vendo o arcano,
Conserve, seria a mente, o amor que tenha.

Livra-o de todo o impulso egoista e insano:
Beatriz, vê quantos bemaventurados
Vêm, mãos postas, pedir por este humano. (1)

---

(1) Recita-se, na versão portugueza Teixeira Mendes, e canta-se com a lettra originaria de Dante, adoptada ao 1º tempo (andante) da Sonata Op. 77, n. 7 (Ao Luar) de L. van Beethoven, por L. Mastrigli e transportado para soprano (Sra. Lucia Nunes) por Alex. Stiger, no Templo da Humanidade do Rio de Janeiro.

FIGURA N. 8

Reproducção fac-similar da partitura de
"Alla Vergine"

A Lalla Vergine

Versi di Dante Alighieri

"Vergine Madre figlia del tuo Figlio"

Paradiso Canto XXXIII

Canto di L. Mastrigli

adattato al 1° tempo della Sonata Op. 77 n° 7

di

L. Van Beethoven

Trasportato per soprano da A. Stiger

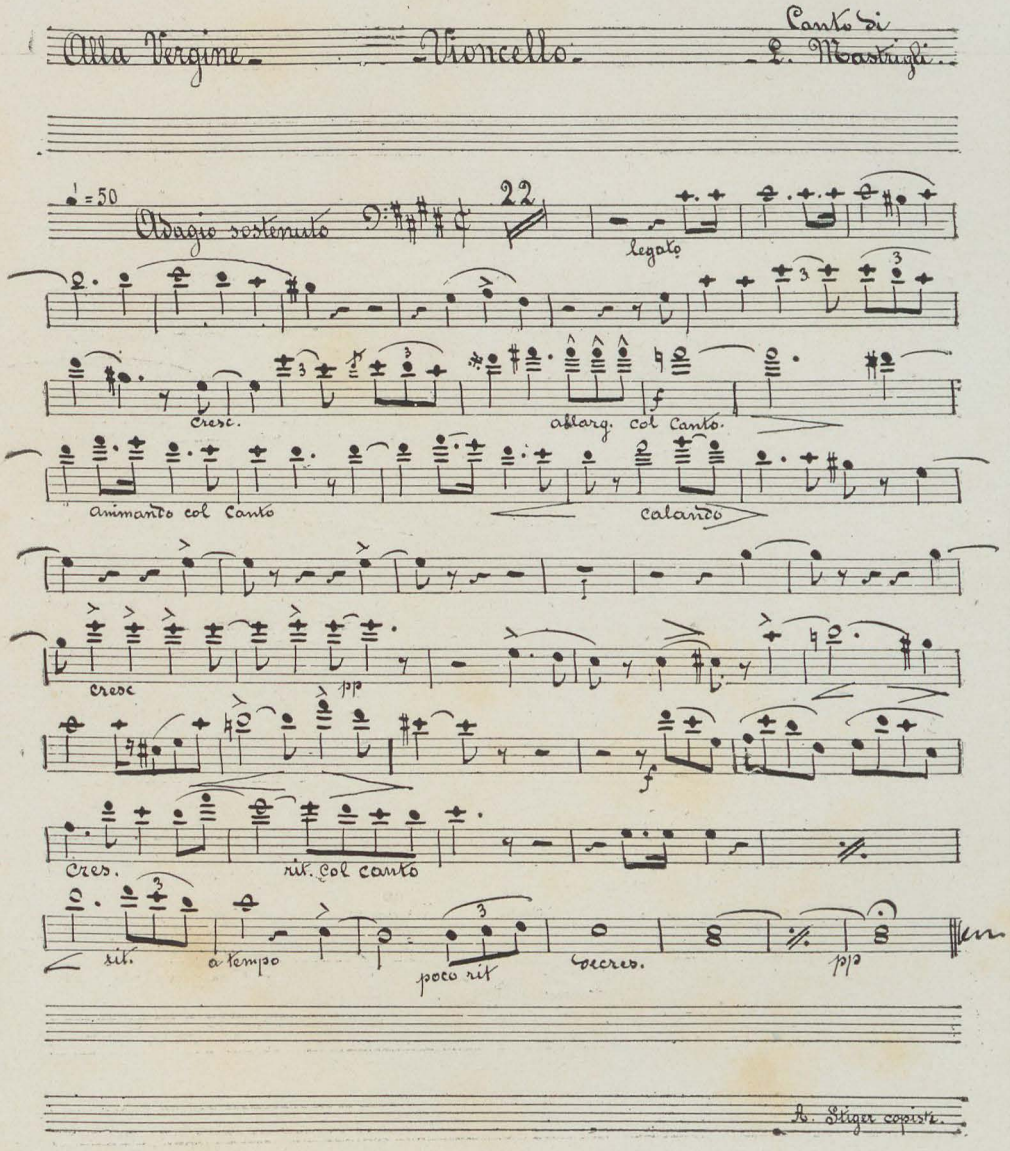
Per essere cantato dalla Signora Lucia Nunes

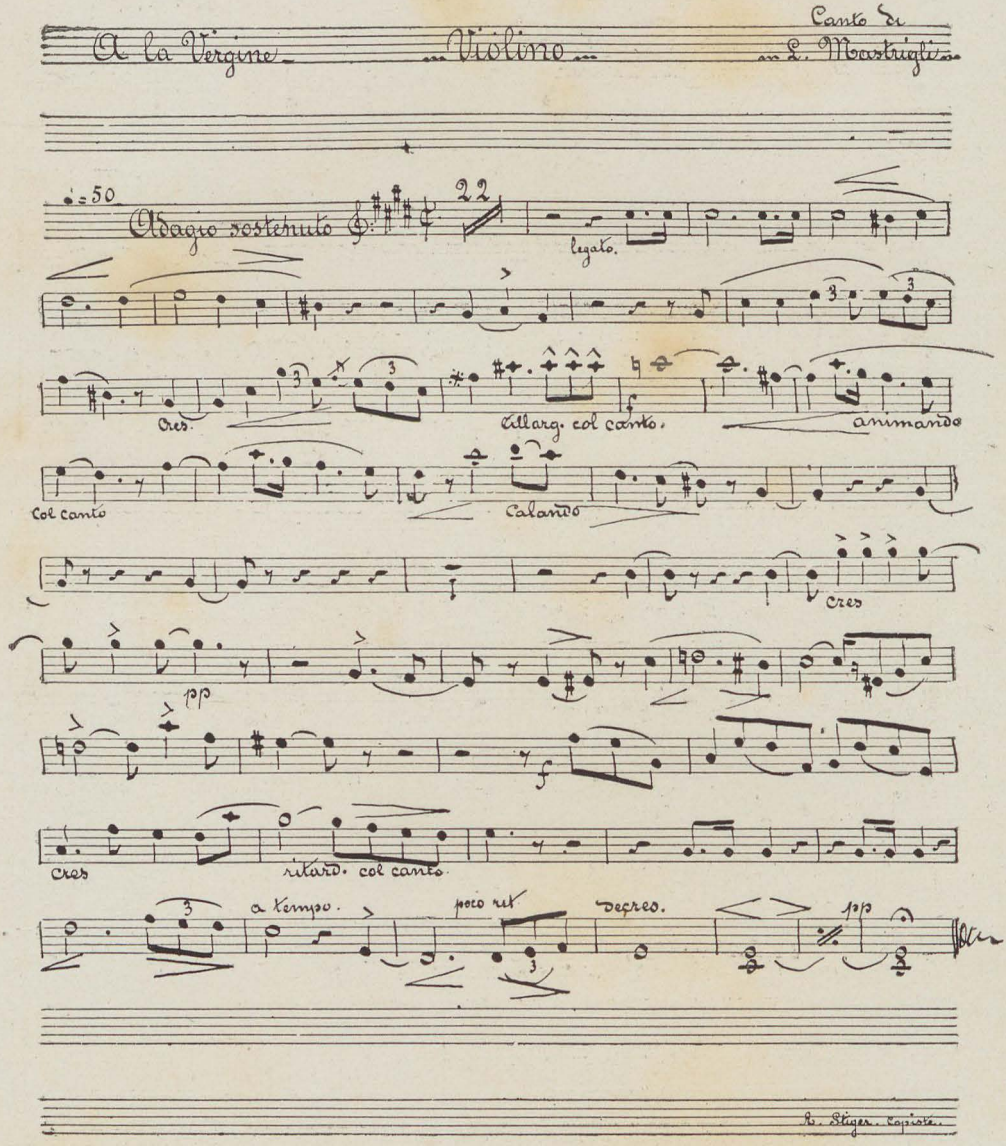
Generino offera

17 di Aristotele ~ 6 di Dante

di

118


Alla Vergine – Violoncello – Canto di L. Mastrigli
♩ = 50
Adagio sostenuto
22
legato
cresc.
allarg. col Canto.
animando col Canto
calando
cresc
pp
f
cres.
rit. col canto
sit.
a tempo
poco rit
cocres.
pp
A. Stiger copiste.



A la Vergine — Violino — Canto di L. Mastrigli

♩= 50

Adagio sostenuto

22

legato.

Cres.

Allarg. col canto.

animando

Col canto

Calando

cres

pp

f

cres

ritard. col canto.

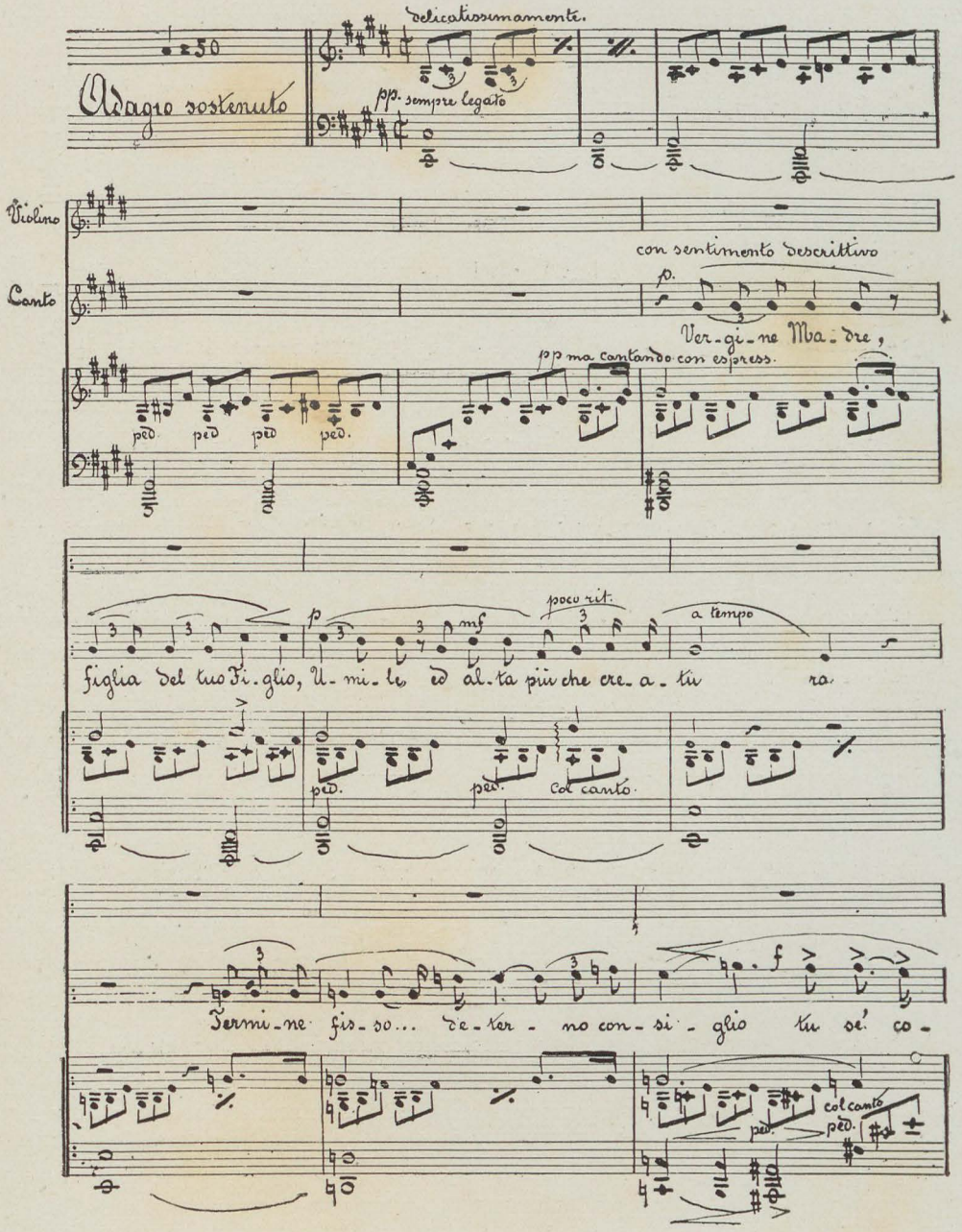
a tempo.

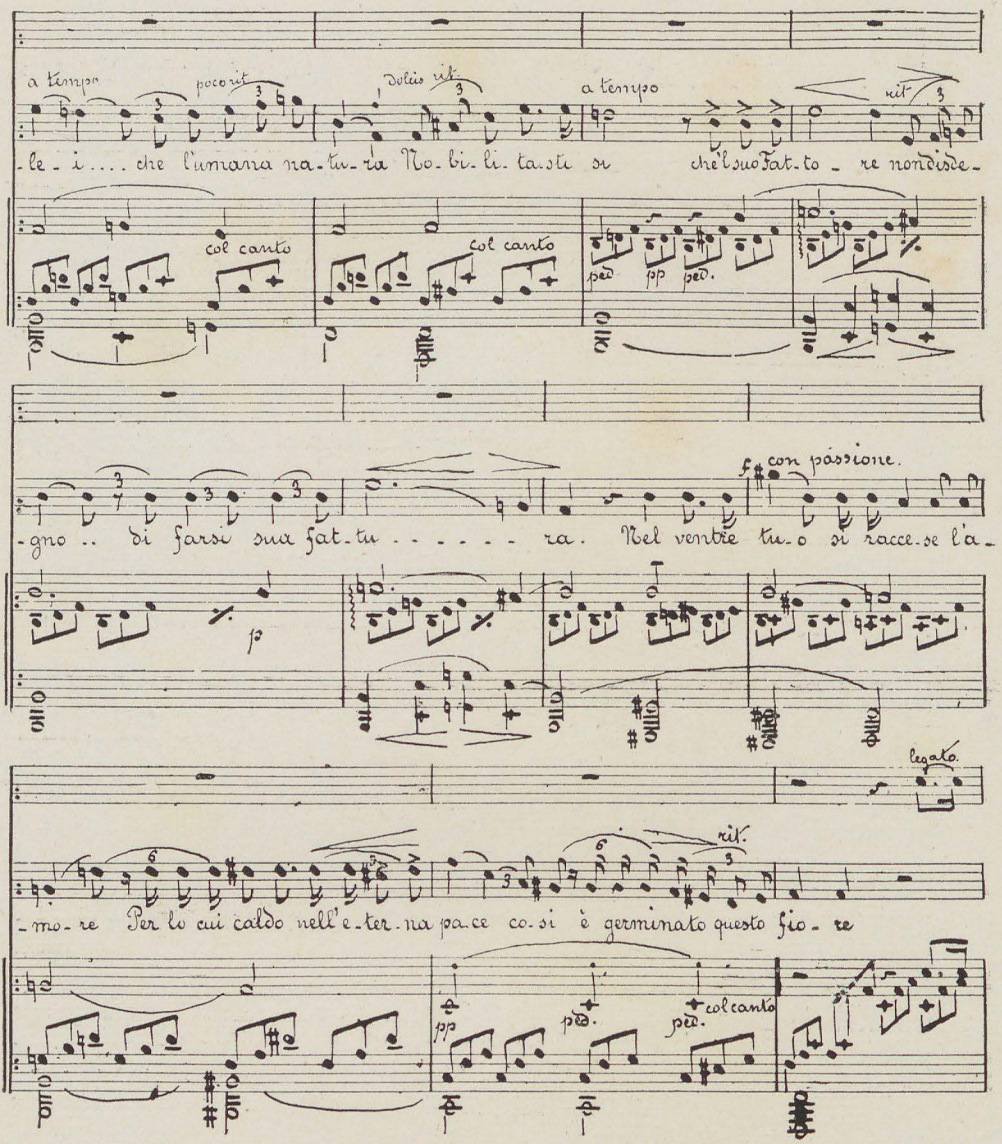
poco rit

decres.

pp

R. Stiger. Copiste.


Adagio sostenuto
delicatissimamente.
pp. sempre legato
Violino
Canto
con sentimento descrittivo
p.
Ver-gi-ne Ma-dre,
pp ma cantando con espress.
ped ped ped ped.
p
mf
poco rit.
a tempo
figlia del tuo Fi-glio, U-mi-le ed al-ta più che crea-tu ra.
ped.
ped.
Col canto.
Fermi-ne fis-so... de-ter-mi-no con-si-glio tu sei co-
col canto
ped.
ped.



a tempo poco rit. Dolcis rit. a tempo rit.

-le - i .... che l'umana na-tu-ra No-bi-li-ta-sti si che'l suo Fat-to - re non disde-

col canto col canto ped. pp ped.

f con passione.

-gno .. di farsi sua fat-tu - - - - - - ra. Nel ventre tu-o si racce-se l'a-

p

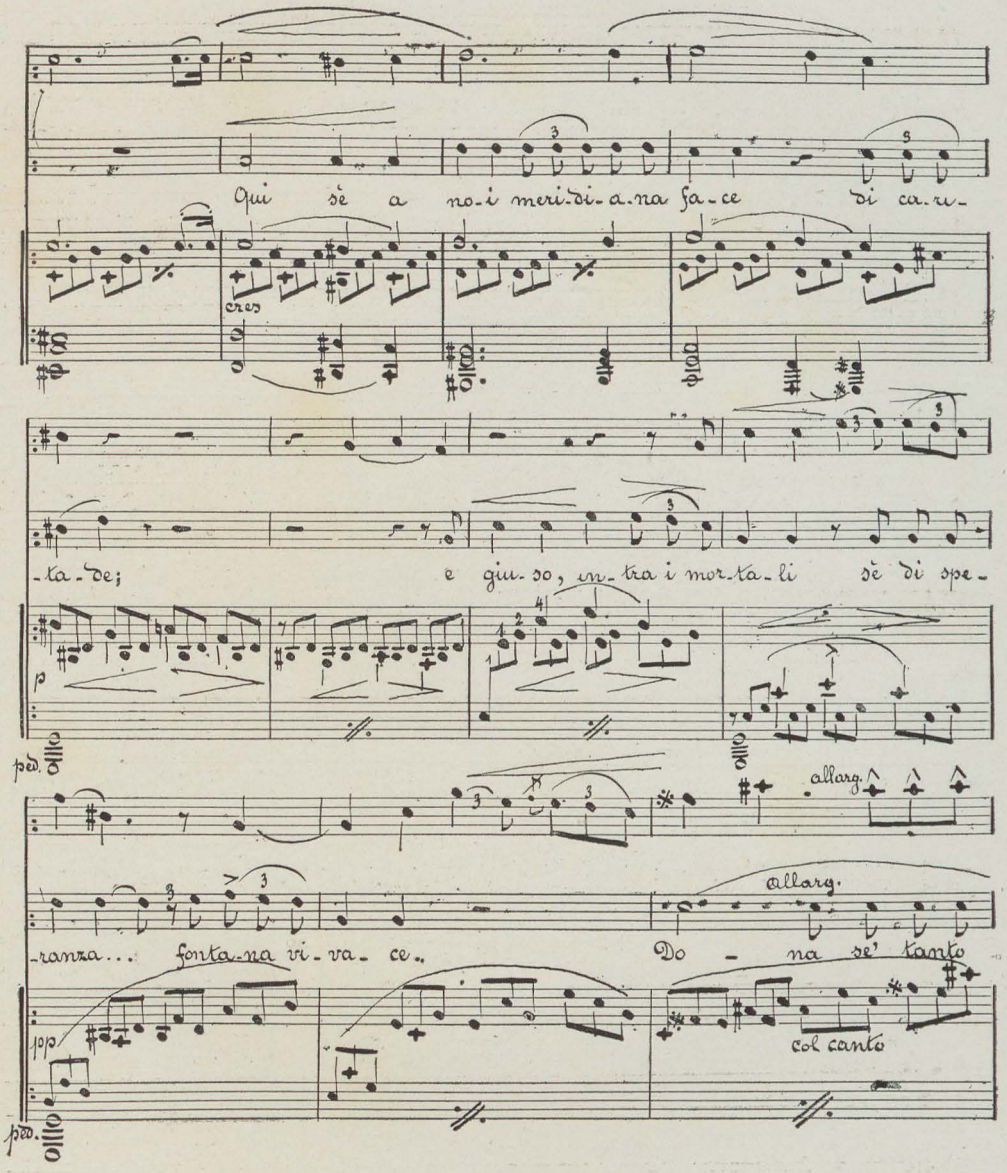
legato.

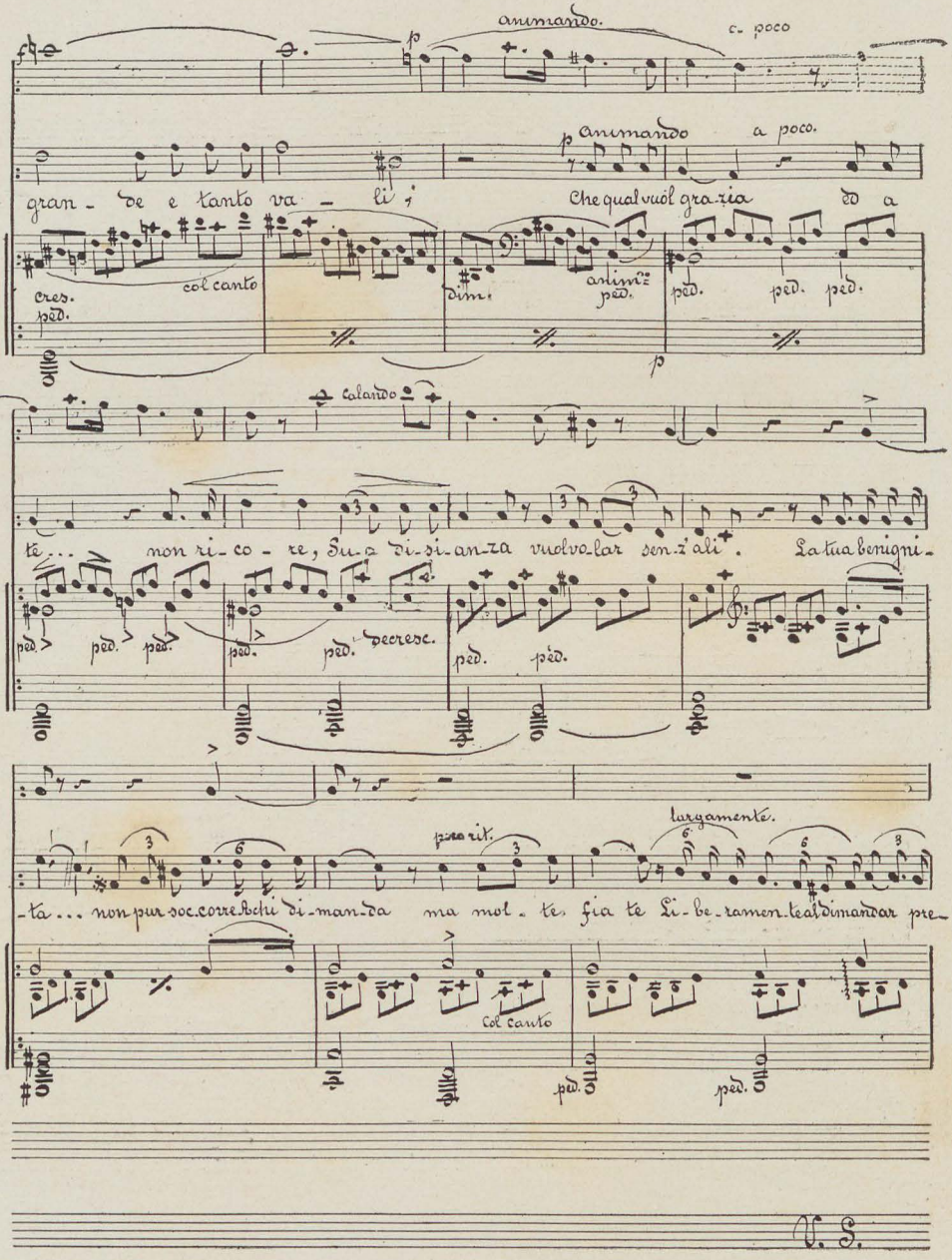
rit.

-mo-re Per lo cui caldo nell'e-ter-na pa-ce co-si è germinato questo fio-re

pp ped. ped. col canto

V. S.


Qui sè a noi meridiana face di ca.ru-
cres
-ta-de; e giuso, in-tra i mor-ta-li sè di spe-
ped.
allarg.
-ranza... fonta-na vi-va-ce. Do-na se' tanto
allarg.
col canto
ped.



animando. c. poco

p animando a poco.

gran - de e tanto va - li; Che qual vuol gra-zia ed a

cres. col canto dim. anim.o ped. ped. ped. ped.

ped.

p

calando

te... non ri-co - re, Su-a di-si-an-za vuol vo-lar sen-z'ali. La tua benigni-

ped. ped. ped. ped. ped. decresc. ped. ped.

largamente.

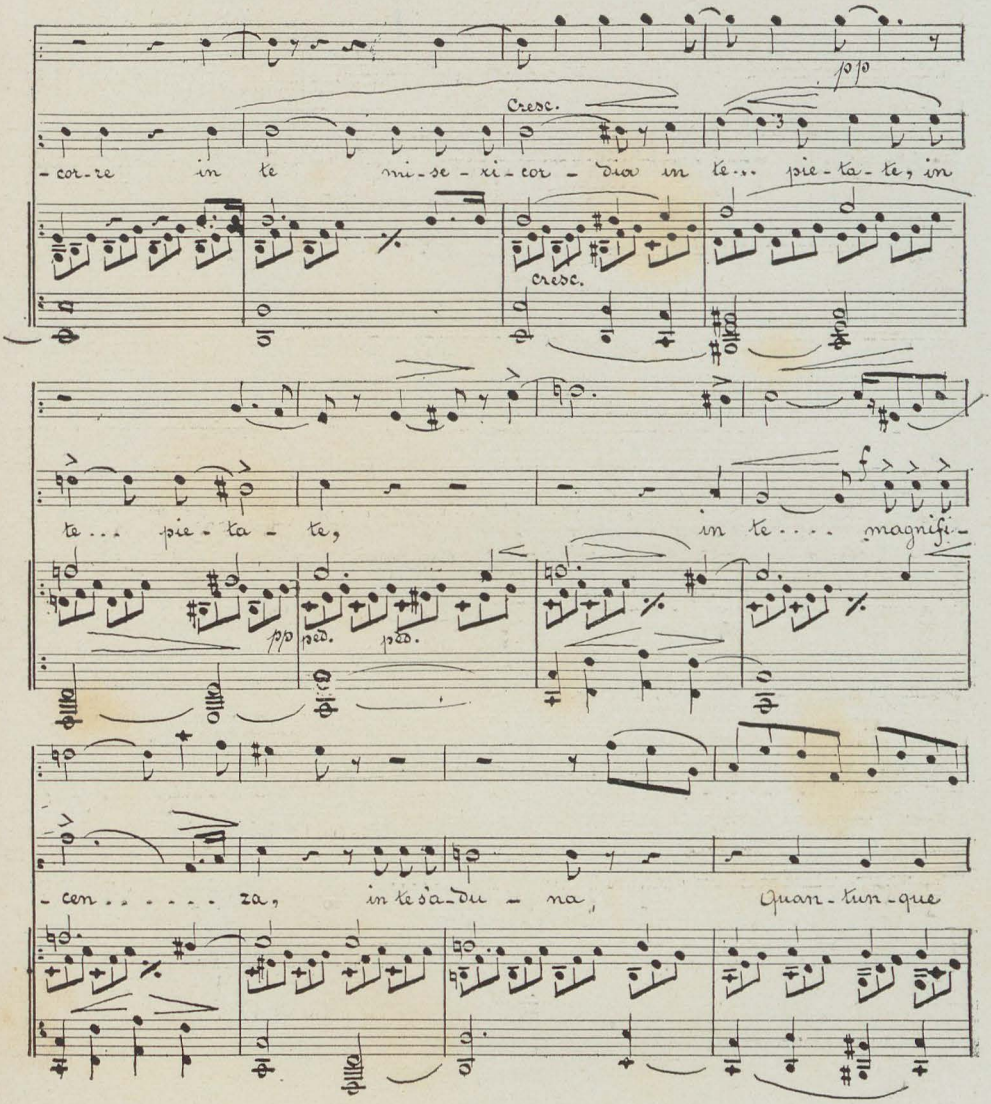
poco rit.

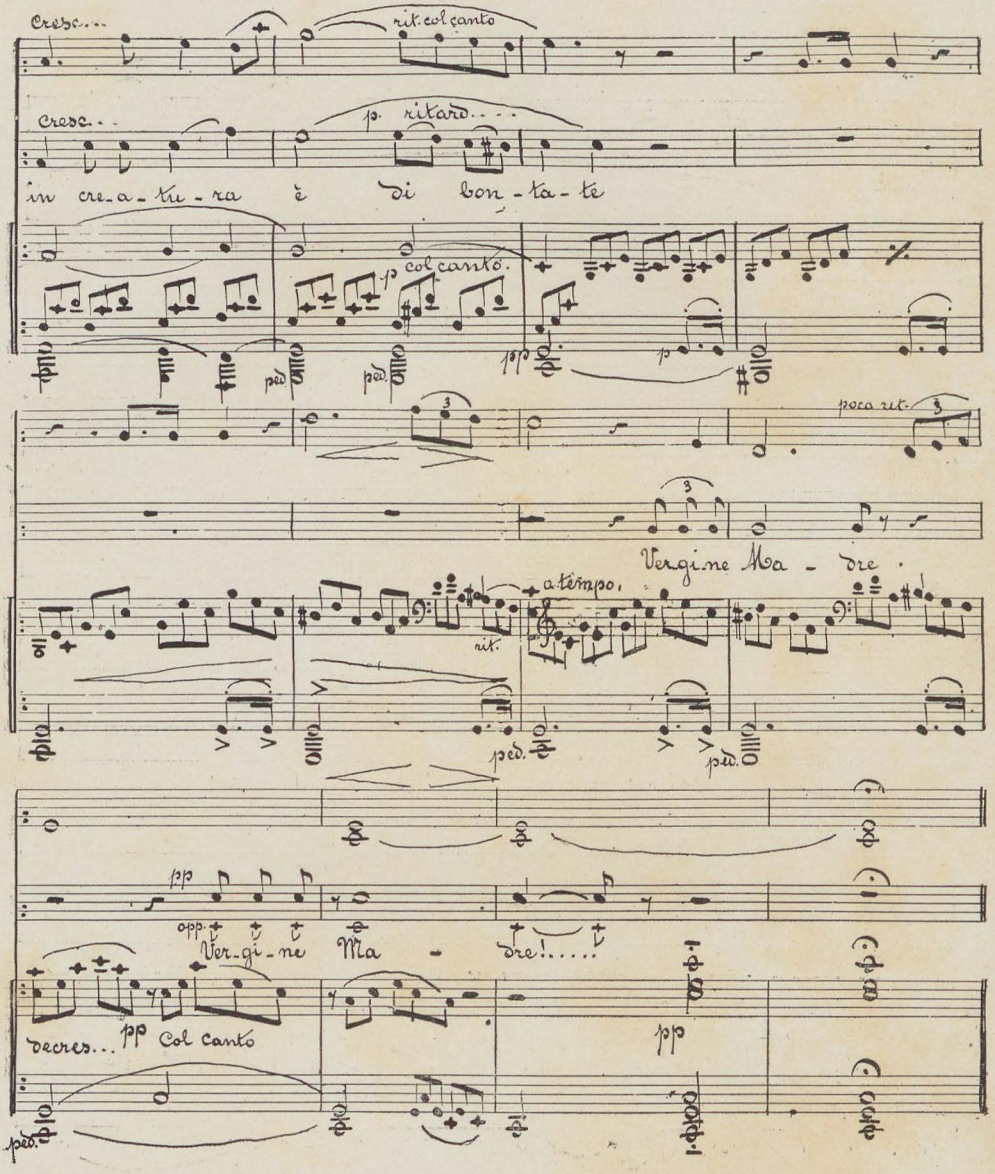
-ta... non pur soc-corre-bchi di-man-da ma mol - te fia te Li-be-ramen-te al dimandar pre-

Col canto

ped. ped.

V. S.


Cresc.
-cor-re in te mi-se-ri-cor-dia in te... pie-ta-te, in
cresc.
te... pie-ta-te, in te.... magnifi-
ped. ped.
-cen..... za, in te Da-mi-na, quan-tun-que


Cresc...
rit. col canto
Cresc...
p ritard...
in cre-a-tu-ra è di bon-ta-te
p col canto
poco rit.
Vergine Ma-dre.
a tempo.
rit.
Ver-gi-ne Ma-dre!.....
decres... pp Col canto

Vergine Madre, figlia del tuo Figlio,
Umile ed alta più che creatura,
Termine fisso d'eterno consiglio,

Tu sé colei che l'umana natura
Nobilitasti sì, che'l suo Fattore
Non disdegnò di farsi sua fattura.

Nel ventre tuo si raccese l'amore,
Per lo cui caldo nell'eterna pace
Così è germinato questo fiore.

Qui sé a noi meridiana face
Di caritade; e giuso, intra i mortali,
Sé di speranza fontana vivace.

Donna, sé tanto grande e tanto vali,
Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre,
Sua disïanza vuol volar senz' ali.

La tua benignità non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.

In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'adima
Quantunque in creatura è di bontate.

LIVRO DECIMO TERCEIRO

SECULARE CARMEN

ONORANDO L'ALTISSIMO POETA

CHE SOVRA GLI ALTRI, COM'AQUILA VOLA.

E's tu lo mio maestro e il mio autore:
Tu sé lo colui, da sui io tolsi
Lo bello stile che m'ha fatto onore.

DANTE, Inferno, Canto I

I

A DANTE ALIGHIERI

A Annibal Falcão

Quando em lyra de bronze, Florentino,
Vibraste o apocalypse tremendo
Que teu genio immortal, triste e gemendo,
Compoz no exilio, ó Guelfo — Ghibelino,

Muda, assombrada, em ancias de Ugolino,
A alma humana escutou-te estremecendo,
Como se ouvira Orlando, em furia ardendo,
Cantar-lhe o "Dies-irae" sybillino.

E, então, si, exúl, sem gloriosa palma,
Passavas, de Beatriz amante terno:
— "Lá vai... — dizia, mal cobrada a calma —

Lá vai Aquelle que voltou do Inferno,
Tendo-o creado á imagem de su'alma,
Trazendo n'alma o soffrimento eterno!"

II

PERFIL DE DANTE

Da bysanthina téla, emocionante,
Catholico-feudal da idade media,
Que se dissolve com a immortal "Commedia",
Rompe, severa, a mascara do Dante.

Vem da summa funcção pontificante
Que inferna reis e papas, tendo á redea,
Nas rubras bolgias da infernal tragedia,
"Dos phariseos o Principe Intrigante".

Mas, quem observar-lhe attentamente
O rictus facial, no olhar ferino
Verá talvez brilhar, argutamente,

Como o porvir no sonho de Ugolino,
De Bacon o espirito latente
Na summa fé de São Thomaz de Aquino.

III

HOMERO E DANTE

Depois de terem terra e céos romado,
Encontraram-se os dois na mente humana:
— Homero e Dante, que a Epopéia irmana,
Tendo Helena e Beatriz, de lado a lado.

"Eu cantei-lhe a belleza sobrehumana
N'Arte, e o Polytheismo enamorado:
A vida sedentaria e a do soldado;
A Illiada e a Odisséa."

— Hosanna! Hosanna!

— Eu encontrei-a já christianisado;
E — com Virgilio, cidadão romano —
Um Deus cantei, á Patria e ao amor votado.

"Gloria, Gloria ao Poeta soberano,
Aguia toscana cujo olhar lynceado
Abrange inteiro o pensamento humano."

IV

DANTE E BEATRIZ

Viu-a, no ante-arrebol da puberdade
E amou-a, como se ama eternamente
— Aberto o coração ao que a alma sente —
N'um sonho extincto, a dôr de uma saudade.

E encarnou-a em Florença e a liberdade;
Mas, perdendo-a, soffreu tão duramente
Quanto no mundo havia de maldade,
Que, alfim, desceu á condemnada gente.

E ali purgára sempiterno exilio,
Si — alva rosa de luz — Luz das mais bellas —
Lhe não fôra Beatriz (tendo Virgilio

Volvido ao Limbo) nas ceruleas télas,
Dentro de su'alma e no immortal Concilio,
"O amor que move o Sol e outras estrellas".

Figura n. 9
Dante e Beatriz
Galeria particular — Quadro de Ary Scheffer

Beatrice tutta nell'eterne ruote
Fissa con gli occhi stava; ed io, in lei
Le luci fisse di lassú remote,
Nel suo aspetto tal dentro mi fei...

Paradiso, I 64

V

RETRATO DE BEATRIZ

Bella, honesta e gentil — candido lyrio
Que viesse abrindo e estivo sol rosasse —
Gotta de luz que o Amor crystalisasse
Num corpo de mulher, exul do Empyrio;

Nos labios, voz ou riso que cantasse;
Meigo fulgor, no olhar, como em delirio;
Milagre estranho e intimo martyrio,
Era Beatriz, para que Dante a amasse.

Mas, depois que elle a amou e vio extincta,
Tão subjectiva e mallograda esposa
Foi-lhe, eterno ideal, que se não pinta;

Foi prematuro bem, que se não goza;
Mas deixa n'alma, que o perdesse e o sinta,
A róta de uma vida gloriosa.

VI

SORRISO E OLHAR DE BICE

Quando Dante viu Bice, a vez primeira,
Seu doce olhar, que ri ou vê sorrindo,
Como luz que em clarão se vai abrindo,
Transformou-se em linguagem verdadeira.

Foi, em Florença, a graça feiticeira
Que o seduz e captiva malferindo;
No "Inferno" — compaixão, piedoso e infindo;
No "Purgatorio" — esp'rança alviçareira.

Mas, quando de astro em astro o foi guiando
Ao Empyrio Céo, que é a calma eternidade,
Alva rosa de luz symbolisando,

Foi o Amor, mystico Amor, todo bondade,
Que, humanamente a Fé regenerando,
O salva — e ha de remir a Humanidade.

VII

NA MORTE DE BEATRIZ

Quando Bice expirou... qual se extinguira,
Sobre a leiva de fresca sepultura,
Candida rosa de vernal frescura
"Que seduz e captiva a quem n'a mira";

E, pelo ambiente, em onda suave e pura
Que se exhalasse de humanada pyra,
Evolou-se-lhe o fluido de ternura
"Que ia dizendo ao coração: suspira"...

Dante, qual si fatidica sentença
De morte lhe ferira o peito amante,
Vendo acolhel-a, maternal, Florença,

Voltou-lhe inteira a vida militante.
E Florença foi Bice — a Patria e a Crença —
Qual Bice o amor no coração de Dante.

VIII

A VISÃO DE DANTE

Lasso de errar, com o corpo e o pensamento,
Sem jámais alcançar paz sobre a terra,
No compassivo catre de um convento
Dante repousa e em fundo somno ferra.

E, dormindo, sonhou que se descerra
O claustro no boreal deslumbramento
De uma rosa de luz, que, eleita, a encerra;
E dizer-lhe Beatriz, com meigo accento:

"Bice... sou eu, que no teu sonho adejo...
Escreve e espera! — Eu o digo, porque vejo...
E Amor me faz dizêl-o a ti sómente.

A Italia será grande, unida e forte...
Dante, teu poema zombará da morte...
— E viverás commigo eternamente.

IX

VISÃO DE SÃO PAULO

(Origem da Divina Comedia)

São Paulo e o Anjo Gabriel, um dia,
Transpunham longa e solitaria ponte,
Lançada entre alto monte e outro alto monte.
No valle, em baixo, o antigo Inferno ardia.

E, quando o *Bar* o interrogava insonte,
Bem avizado, o Anjo respondia,
Explicando-lhe o horror de quanto via,
Nesse Inferno sem barca de Caronte.

Dante, porém, supprindo a theologia,
Em plutonica aspira o novo alteia,
Com quanto lhe ensinara a geologia.

Com o Purgatorio, o Céo-Empyrio crêa.
E a Divina Comedia assim fazia,
Do que São Paulo viu, trina epopeia.

X

NA MORTE DE DANTE

Nem a errar com Florença — a Patria ingrata
Por quem, de terra em terra, exhausto, pena;
Que o exila, que o persegue, que o maltrata,
Até da morte na mansão serena;

Dante, com toda a sciencia que o retrata,
Arte sem par com que a "Comedia" encena,
Mudando de facção nunca apostata
— E jaz, emfim, n'um claustro de Ravenna.

Mas, mesmo alli, arrependida agora,
Quer haver-lhe Florença a illustre ossada
Que profanar tentara, por maldade...

Jámais! Sobre ella a Humanidade chora,
Emquanto é sua gloria hoje exalçada:
— Pertence ao Pantheon da Humanidade.

XI

NO PANTHEÓN DA HUMANIDADE

No Pantheon por vir da Eterna Idade,
Com Helena e Beatriz — Clotilde em fronte —
Religa, Homero e Dante, Augusto Comte
Ao regimen final da Humanidade.

"Por tres estados passa a sociedade
Ou o homem, que se aúna em seu transmonte:
O Fetichismo, despersivo e esponte:
A Theologia e a Positividade.

Polytheismo astral cantaste, Homero;
Dante, feudal monotheismo austero;
Eu, fundador da sciencia, que em verdade,

A graça substituiu pelo altruismo,
Fechando assim o cyclo do Theismo,
— Já o Poema tracei da Humanidade."

XII

NO SEXTO CENTENARIO DA TRANSFORMAÇÃO OBJECTIVA DE DANTE

Seis siglomundos ha que te partiste...
E ascendeste do Inferno ao Paraiso,
Purgando as penas do "Final Juizo",
Com que os dissidios medievaes puniste.

E, do fogo central de onde emergiste
Ao systema solar que te hala o viso,
— Tudo — da dôr eterna ao eterno riso —
Cantaste. — E, eterno, o teu cantar subsiste.

Com Galilêo, porém, moveu-se a Terra.
A alma, com Gall, foi cerebro pensante...
Com Comte evoluiu a Divindade...

Só — Terra ou Espaço — humana gloria encerra!
— E o homem novo espera um novo Dante
Para cantar, mais alto, a Humanidade.

XIII

OBLATA

A Ti, Dante Alighieri, este assombroso
Alardo de minh'alma reverente!
— Bem vê que vou seguindo humildemente
O rastro de teu genio luminoso.

Com Virgilio desceste ao reino umbroso,
Donde jámais volveu penada gente;
Eu comtigo, a penar reflexamente,
Da dôr eterna ascendo ao eterno gozo.

E, ao ver-te a sexta centenaria palma
Partilhar com Beatriz, glorioso e terno,
Do Supremo Grã-Ser na mente calma:

"La vai — repito — o que voltou do Inferno,
Tendo-o creado á imagem de su'alma,
Mas tendo n'alma amor comteano e eterno."

LIVRO DECIMO QUARTO

VARIAS COMPOSIÇÕES SOBRE DANTE

No baixo relevo galvanoplastico

DANTE AOS PÉS DE BEATRIZ

ideado por Teixeira Mendes e esculpido por D. Villares, commemorando o VI centenario de sua morte.

INSCRIPÇÃO

formulada com versos do Planetario Poeta, vertidos, em soneto portuguez, por Generino.

"Comquanto Ravenna tenha devido recusar o tumulo de Dante a Florença arrependida, Paris... obterá a incomparavel reliquia". Aug. Comte, Pol. Pos. IV, pags. 501.

... "o virginal cortejo das duas irmãs immortaes que então adorará o Occidente regenerado: Beatriz Portinari e Clotilde de Vaux". Aug. Comte, Test. pag. 180.

Todo embebido nas eternas rótas,
Beatriz tenha o olhar; e eu tinha nella
Doces luzes dos céos, do céo remotas:
— Tal seu viso á minh'alma se revela.

O', do primeiro amante, amada! O' diva!
Não é minha affeição, por mais que faça,
Capaz de Te render graça por graça:
— Emparadisas minha mente altiva.

Dona, és tão grande e tens tal valimento,
Que quem quer graça e, então te não procura,
Quer sem azas voar com seu intento.

O' Virgem-Mãe e Filha de teu Filho,
Mais alta e humilde que outra creatura,
E's termo fixo de eternal Concilio.

FRANCESCA DA RIMINI

Era a loira Francesca lacrimosa
Orando junto ao tumulo materno,
Com esse vago olhar, piedoso e terno,
De quem se perde em scisma dolorosa.

Da rosea infancia a quadra deleitosa
Revia em sonhos de um fulgor eterno...
Tudo apagou-se: e agora... o lucto interno!
E agora... a triste lagrima saudosa!

Eis senão quando Paulo que a Ravena
Mensageiro da paz, traz a alliança,
Subito estaca ao ver aquella scena...

Todo estremece; e, preso á loira trança...
— Mixto de amor profundo e enorme pena —
Nem já no Inferno a liberdade alcança!

DANTE

A Generino dos Santos

SONETTI

I

Amor, principio d'ogni cosa bella,
Amor fu al Ghebellin scola secreta;
Ei gli aperse la via di stella in stella,
Ei gl'impennò robuste ali alla meta.

Fra l'ire cittadine e la procella
Della vita dolente e irrequieta,
Pari al carbone dell'altar fu quella
Fiamma d'amore che l' facea poeta.

Ed il triplice canto allor vestia
Con quello stile, onde si in alto salse,
Cui nel riso di Bice egli rapia.

Oh! quando fia che fra di noi ritorni
Amor si novo, che all'Italia valse
La miglior gemma che il suo serto adorni?

II

Eppur v'ha chi maglino, o santo petto,
Torce a sensi bugiardi il tuo pensiero:
E chi celando lo splendor del vero
A rei commenti aguzza l'inteletto.

Una cattedra infame atri l'ha eretto,
Indi ti fece apostal menzognero:
Attri bestemmia al successor di Piero,
E si scusa dicendo: — Ei l'ha pur detto!

Ma a romper la turpissima battaglia
Di questi cani che i tuoi carmi han guasti,
Il testimonio unanime ti vaglia

Del secol che ti fea quasi divino
E degno degli altari: o sol ti basti
Il gran pennello del pittor d'Urbino. (*)

Rio, 7 d'Aprile, 1886.

LUDOVICO BERNA.

(*) Si allude al'etá immediata a quella del *Poeta* in cui si commentarono i versi della *Divina Commedia* nelle chiese quasi come un codice infallibile di veritá; e alla solenne tetimonianza resa all'ortodossia di *Dante* da *Rafaello*, il quale dispinse il *Poeta* fra i piú grandi dottori della Chiesa e simboleggio la Teologia colle vesti allegorischi di Beatrice.

DANTE

Versão portugueza dos dous sonetos italianos

I

Amor, que inspira toda cousa bella,
Ao Ghibellino escola foi secreta:
O caminho lhe abrio de estrella em 'strella,
Azas lhe deu robustas para a méta.

Entre as iras burguezas e a procella
Da dolorosa vida irrequieta,
Como cyrio do altar, lhe foi aquella
Flamma de amor que o havia feito poeta.

E seu triplice canto então vestia
Desse alto estylo que offuscou Castalia,
E no riso de *Bice* aurir soia.

Oh! quando para nós dar-se-ha que torne
Tão peregrino amor, tornando á Italia
A melhor gemma que o laurel lhe adorne?

II

No emtanto ha quem, por mal, genio dilecto,
Te adultere e envenene o pensamento,
Quem, velando a verdade o luzimento,
A commentarios vis force o intellecto.

Cathedra infame te hão alguns erecto,
Donde apostólas com refalsamento;
Outros blasphemam contra o Papa, e o intento
Salvam dizendo: — Disse-o esse indiscreto!

Mas contra essa torpissima batalha
Dos *cães* que os carmes te hão abocanhado
O testemunho unamime te valha

Do sec'lo que te fez quase divino
E altares te erigiu: — pois te ha sagrado
O grão pincel do grão pintor de Urbino. (*)

Rio, 7 de Abril de 1886.

GENERINO DOS SANTOS.

(*) Allude-se á epocha immediata a do *Poeta*, em que commentaram-se os versos da *Divina Comedia* nas igrejas, quasi como um codigo infallivel de verdade, e ao testemunho solemne que, da orthodoxia de *Dante*, deu *Raphael*, o qual pintou o Poeta entre os maiores doutores da Igreja, e symbolisou a Theologia com as vestes allegoricas de Beatriz.

MIGUELANGELO A DANTE

I

Dal mondo scese ai chiechi abissi, e poi
Che l'uno e l'altro inferno vide, e a Dio
Schorto dal gran pensier, vivo salio,
E ne diè in terra vero lume a noi,

Stella d'altro valor coi raggi suoi
Gli occulti eterni a noi chiechi scoprio.
E n'ebbe il premio alfin che'l mondo rio
Donna sovente ai priú pregiate eroi.

De Dante mal pur l'opere conosciute
E'l bel desio, dal quel populo ingrato
Che solo ai justi manca de salute

Pur fuss'io tal! Ch'a simel sorte nato,
Per l'aspro exilio suo con la virtute
Darei del mondo il piú felice slato.

II

Quanto dirne se dee non si puo dire
Che troppo agli orbi il suo splendor s'accese;
Biasmar si puó, lo populo che l'offese
Ch'al minor pregio suo lingua salire.

Queste discese ai regni del fallire
Per noi insegnare, e poscia a Dio n'ascese;
E l'alte porte il ciel non gli contese
Cui ha patria le sue negô d'aprire.

Ingrata patria e della sua fortuna
A suo danno nutrice! e n'el ben segno
Chi ai piú perfetti abbonda de piú guai.

E fra mille ragion vaglia quest'una:
Che egual non ebbe il suo exilio indegno
Com' non maggior di lui qui non fu mai.

MIGUELANGELO A DANTE

Dois Sonetos

Versão omnophrastica

I

Aos báratros sem luz desceu do mundo
E, depois que um mais outro inferno viu,
N'aza do genio, em vida, a Deus subiu,
A espargir sobre nós clarão fecundo.

Astro precioso, a radiar jocundo,
Arcanos eternaes nos descobriu
E alfim nem teve o premio que entreviu
E ao mais presado heróe reserva o mundo.

Mal foi da obra de Dante conhecida,
E o intuito seu, por este deslembrado
Povo que ao justo nem sóe dar guarida.

Ah! fóra eu elle á sorte igual votado,
Pelo aspero exilio que o occida,
Dera do, mundo o mais feliz estado.

II

Quanto delle se diga, é nada ouvir;
Que no dos orbes seu fulgor se accende:
Mais val punir o povo, que alto o offende,
Do que, em seu menos preço, alti-elo poluir.

Este aos reinos vai ter do delinquir
Para instruir-nos... e logo a Deus ascende
E o céo suas altas portas não defende
Ao que, as della, negou a Patria abrir.

Ingrata Patria! E, da fortuna infesta,
Em seu damno, nutriz! E' triste signo
Que sempre aos mais perfeitos sobrem ais.

Pois, entre mil razões, basta só esta:
Que igual não teve o seu exilo indigno;
E homem maior que elle houve jámais!

VISION DANTESQUE

(Au terme de la Tragédie Fratrecide de 1918)

TOILE ALLEGORIQUE DE DECIO VILLARES

Tel penché sur son roc, regrettant, en défaite,
D'avoir contre le ciel ses osts révolté,
— Oeil de Caïm dedans et dehors de sa tête,
Rouge, épité, Pluton ses griffes, enragé,

Ainsi le principal responsable de cette
Chasse au loup, de Caïm contre l'Humanité,
Dans son remords et dans sa rage inusité,
Voit rouler sa couronne et son aigle défaite.

Sur leurs débris sanglants la France en deuil s'éleve,
Parmi les morts vengeurs qui le damnent sans trêve,
Pour offrir le laurier de la victoire aux Rois

Des Belges qui l'ont su planter sur leurs ruines,
Arrosant de leur sang ses puissantes racines,
Pour que l'Humanité fleurisse sous des lois.

DANTE (DURANTE ALIGHIERI)

1265-1321

Do grande poeta italiano que abre a lista da litteratura moderna se não conhece mais do que se póde recolher de seus proprios escriptos; e, o pouco que sabemos, ficou reduzido, pela impiedosa investigação moderna, a pequeninissimo numero de factos definidos. As ultimas autoridades francamente declaram que a biographia do poeta que até hoje tem corrido, não passa de simples romance e que não devemos confiar senão em Villani e nos documentos contemporaneos. Ninguem poderia tentar escrevel-a agora sem devidamente attender ao que laboriosamente discutido foi por Scartazzini no seu recente IV volume (Prolegomenos da Divina Comedia, Leipzig, 1890)

Felizmente o proprio poeta, em suas numerosas obras, todas tão pessoaes e tão apaixonadas, nos deu amplo conhecimento do homem intimo e das circumstancias geraes de sua existencia. De modo que podemos pessoalmente conhecel-o, sem que della assás saibamos. Os seguintes factos constituem quasi tudo que se acha fóra de duvida e de controversia.

Dante nasceu em Florença em Maio ou n'um dos mezes proximos de Maio de 1265 de respeitavel familia antiga, si bem que não comprehendida no quadro

da nobreza. Elle se gloriava de ascender a Cacciaguida, um cavalleiro que, nascido em 1090, esteve ao serviço do imperador Conrado e veiu a morrer combatendo os Sarracenos, pelo que mereceu, na qualidade de martyr, entrar no céo (Paradiso, XV, 148). Cacciaguida, casou com uma mulher "do Valle do Pó", teve um filho Alighieri, de quem foi filho Bellinciore e deste filho nasceu Alighieri, pai do poeta; sua mãe era Bella, segunda mulher de Alighieri. Afora isso, nada mais é conhecido. Traço algum de uma familia Alighieri existe em Florença, e nada se descobriu quanto á linhagem e condição de seus membros, sinão que seguramente eram Guelfos e duas vezes purgaram o exilio.

Nada tambem se sabe da educação do poeta salvo o que vagamente disse Boccacio: que foi escolar dos mais aproveitados; e o que o proprio affirma: que se deixou propriamente impressionar pelo seu constante convivio com Brunetto Latini, grande sabio, de caracter dominador e, apesar de seus vicios, influente em Florença. Na idade de 24 annos, Dante tomou armas e participou da sangrenta batalha de Campaldino, em que os Gibelinos foram anniquilados. No mesmo anno assistiu á tomada de Caprona do poder dos Pisões. Sabemos, por suas proprias palavras, que se deu cedo á poesia; que leu Boccacio e Cicero, apreciou a musica e se occupou do desenho. Certeza alguma existe quanto aos seus mestres, suas viagens e seus pretensos estudos universitarios.

Chegado aos 30 annos, idade legal para a investidura das funcções civis, Dante entrou para a administração da Republica, em que empenhado o encontramos cinco ou seis annos (Atal, 31-37). Foi arrolado na corporação dos medicos boticarios, uma das tres artes principaes: e tal arrolamento lhe era necessario para preencher um officio publico. Em 1299 foi enviado em embaixada para a communa de São Gemignano. De Junho a Agosto de 1300, serviu como um dos seis prio-

res eleitos da Republica Florentina, que formavam, nessa época, com o porta-estandarte (presidente) todo o governo. Eram renovados de dois em dois mezes e, por isso, não era essa funcção de prior. nem muito honorifica e nem muito importante. Em 1301 Dante foi encarregado de dirigir ao alargamento de uma das ruas da cidade, e no mesmo anno era citado como tendo participado nas deliberações do Conselho.

De 1300 a 1302, houve um periodo critico, e perturbado tanto para a Republica como para o poeta; uma nova guerra civil estalou entre negros e brancos. Sob pretexto de mediação enviou Bonaficio VIII á Florença o cardeal Acquasparta, mesmo no mez em que Dante era prior, com o designio de reduzir o Estado á dependencia do Papado. Dante resistiu vehementemente, o que lhe valeu ser tomado por chefe da resistencia. Furiosa luta seguiu-se entre brancos e negros, na qual, desde logo a primeira e depois a segunda, foram expellidos da Cidade. Realmente, os negros eram do partido do papa contra o imperador. Em Novembro de 1301, soldados de Carlos de Valois, ligado ao papa, entram á força em Florença, cujo commando obteve e repoz triumphalmente a facção dos negros. Dante que era então do partido opposto, comquanto não mais estivesse em actividade, já havia deixado a Cidade para ir-se em embaixada ao papa, se merecem credito os seus ultimos biographos, e a ella jámais voltou. Em Janeiro de 1302, foi condemnado, sob accusação de peculato e outros grandes crimes, a pagar uma multa de 5.000 florins, a banimento e perda de seus direitos civicos. Logo depois uma outra sentença foi proferida contra elle, pela qual deveria ser queimado vivo se ali voltasse, sendo todos os seus bens confiscados. Esta *postura* fóra da lei se renovou por tres vezes. Tudo isto lança uma viva luz sobre a Divina Comedia, si considerarmos o exilio do poeta, não como um acto ignobil da facção local, mas como resultado de sua resistencia patriotica

e resoluta ás monstruosas intrigas de Bonifacio VIII: — "o principe dos novos phariseus".

Por tres ou quatro annos, participou Dante, com seus companheiros do exilio (porque 600 da facção dos Brancos haviam sido proscriptos durante a revolução de 1301, na sua campanha e inuteis intrigas para voltarem á Florença. Sabemos, pelas suas abrasadoras palavras (Paraiso XVII, 61-70) que lhe eram menos amargos os soffrimentos do exilio do que a sociedade "Bando máo e absurdo" com a qual cooperava e cuja "ingratidão, impias, insensatas e estupidas maneiras de agir o forçavam a crear um partido para si só". Desde esse momento Dante abjurou a facção e a vida politica. O resto de sua vida, durante cerca de 20 annos, passou-a a errar de cidade em cidade e a ir de um a outro protector.

Achou um primeiro refugio na Côrte de Bartolomeu della Scala, senhor de Verona. Em seguida, vemol-o em Bolonha, depois em Padua, onde esteve addido ás universidades, depois em outras partes da Italia, e finalmente em Paris, onde se suppõe que habitou de 1308 a 1309. Dizem que em Paris estudou theologia, philosophia e rhetorica e preparou-se para se fazer graduar Doutor em theologia. Não tinha então mais de 40 annos e por vezes se indagou o que fazia elle nessas famosas universidades onde não podia figurar *in statu pupillari*. Seus ultimos biographos se inclinam a crer que elle combinava o ensino com o estudo. Não temos sinão vagas assersões, emittidas longo tempo depois de sua morte, sobre suas viagens ulteriores e sobre suas outras occupações. Um dos motivos de sua permanencia nestes centros scientificos foi sem duvida a facilidade de encontrar livros e é provavel que o poeta adquirisse o seu vasto saber durante este periodo do seu exilio, porque nada mostra tivesse elle consagrado especialmente os 35 primeiros annos de sua vida ao estudo como profissão.

Durante curtissimo espaço de tempo as esperanças de Dante se reanimaram com a eleição ao imperio de Henrique VII de Luxemburgo e pela expedição á Italia (1310-1313), destinada, pelo menos elle o desejava ardentemente, a restituir a paz ao seu paiz. Dante alli voltou, apresentou-se ao imperador, que ardia, tambem elle, do desejo de restabelecer o imperio na Italia, e escreveu as tres apaixonadas e altivas cartas, dirigidas aos reis e principes da Italia, ao povo de Florença e ao imperador pelo *Humilis italus Dantes Alagerii florentinus et exul immeritus*. A morte prematura do cavalheiresco imperador em 1313, poz termo aos seus grandes sonhos patrioticos e á sua ardente esperança de voltar a seus lares. Durante oito annos errou ainda o poeta com o coração despedaçado.

"Tu proverai si come sa de sale
La pane altrui, e come é duro cale
Lo scendere e il salir per altrui scale".

Ha indecisão sobre o ponto de saber onde passou elle estes oito annos. Refere-se que residiu em Lucques, no monasterio de Fonte Avellana nos Apeninos, em Verona e em Ravena. Pela morte de Clemente V (1314) escreveu Dante uma carta urgente aos cardeaes solicitando que escolhessem papa um italiano (O captiveiro de Babylonia durava já então 9 annos). Em 1315 — e foi isso talvez em represalia — foi elle condemnado por uma nova sentença a ser decapitado, e desta vez com seus filhos.

Diz-se que teria podido conseguir ser perdoado no anno seguinte, se não tivesse recusado com despreso submetter-se á penitencia que exigiam delle.

Em 1316 ou 1317 parece ter sido acolhido em Verona por Cane della Scala, em quem nutria grandes esperanças.

O poeta passou os dois ou tres ultimos annos de sua vida em Ravena sob a protecção de Guido Novello da Polenta. Ali viveu com seus dois filhos, exilados como elle de Florença, e provavelmente com sua mulher Gemma e sua filha Beatriz.

Em 1321, Dante foi enviado como embaixador á Veneza pelo governo de Ravena. Não logrou successo tal missão. Morreu quando della voltava, em Setembro de 1321, na idade de 56 annos. Foi enterrado com grandes honras, paramentado com suas vestes de philosopho e de poeta, sob o portal da Igreja de São Pedro de Ravena, no sitio onde se encontra o seu tumulo. Este tumulo foi logo ameaçado de profanação pelo partido papal; mas em 1483 o pai do Cardeal Bembo erigiu o que ainda se vê, mas tem passado por muitas restaurações. Os restos de Dante foram, algum tempo depois, trasladados e occultos n'um convento visinho, pensando-se que foram recentemente descobertos. Os Florentinos, que, ainda 20 annos depois de sua morte, denominavam o seu grande poeta como um rebelde e um ladrão, posto a justo titulo fóra da lei, hão muitas vezes, depois disso, reclamado suas cinzas. Esse pedido foi afinal denegado, quando do 6.º centenario do seu nascimento em 1865 pela Cidade de Ravena que permanece ainda como o ultimo "refugio e logar de repouso" do maior dos Italianos.

Tinha Dante 9 annos quando, a vez primeira, viu Beatriz Portinari, por quem concebeu um amor infantil que se transmudou nesse devotamento mystico que colore sua poesia e a sua vida. Nada leva a pensar tivesse ella partilhado sua affeição ou mesmo lhe testemunhasse outra coisa mais do que occasional cortezia.

Ella casou-se aos 20 annos e morreu aos 24. A historia do seu amor, do seu desespero e da poetica trans-

formação de seu bom anjo, narrou o poeta de modo exquisito em sua "Vita Nuova". Ao que parece alguns annos depois da morte de Beatriz, Dante desposou Gemma Donati da familia de Corso Donati, o cruel Chefe da facção dos "Negros". Tiveram pelo menos dois filhos e duas filhas que chegaram á maturidade. Boa razão alguma nos leva a pensar que o casamento não tenha sido feliz. Nem Gemma e nem seus filhos partilharam o exilio do poeta até o momento em que, tambem seus filhos tendo sido banidos, se estabeleceu a familia em Ravena. Ali, uma de suas filhas, Beatriz, tomou véo; um dos filhos fixou-se em Verona e fundou familia que longo tempo perdurou.

De longa data, está de accôrdo o mundo em collocar, no mesmo plano e acima de todos os outros, os tres poetas soberanos: Homero, Dante e Shakespeare; e, não sómente por que elles possuem no mais alto gráo todos os dons do poeta, como pelo vasto campo de interesses humanos que cada um delles percorreu. Dos tres, é Dante — o mais fraco em simplicidade, em geral encanto, em variedade, na magica espontaneidade da expressão e da impressão produzida, e, certamente, pela violenta intensidade de um inesgotavel prazer. Em força monumental, em imaginação sustida, em profundo conhecimento do caracter e da vida, é-lhes igual. Pela elevação do seu thema, que é o resumo da Humanidade e da natureza, o passado, o presente e o porvir; — pela profunda synthese do saber e a coordenação ideal da sociedade humana, tomada em seu conjunto, occupa o supremo posto. Foi, sem duvida, sob este ponto de vista; que Augusto Comte chamou a Divina Comedia — "a epopeia incomparavel que ainda constitue a maior gloria da arte humana."

Não cabe aqui nos estendermos sobre as qualidades superiores de Dante como poeta, ou considerarmos o

extenso dominio de suas innumeras obras. E' tão só do poeta que nos temos de occupar; e, especialmente, da sua "Visão". E mesmo, por que essa parte de sua obra é um campo inesgotavel, limitaremos tal noticia a este unico ponto: o exame da co-relação existente entre a Divina Comedia e a evolução da historia moderna. Está geralmente acceito, como evidente verdade, que este "poema sagrado", resume, o espirito, o saber, a religião, da edade media; tendo creado, ao mesmo tempo, a lingua italiana, inspirado a arte religiosa e fundado a litteratura moderna. Sua influencia, ainda cresce até seis seculos depois da maturidade do poeta. Elle idealisou tudo o que os homens sentiram, tudo o que os homens crearam e fizeram, muitos seculos antes do seu nascimento. E a fidalidade catholica parece desfilar inteira aos nossos olhos, e em retrospectivo plano, apercebemos os heróes e os poetas da antiguidade, os prophetas e os legisladores do Oriente. Dante, assaz se tem dito, conheceu tudo o que podia ser conhecido, em um tempo em que isso era ainda possivel, posto que difficil, por um só espirito. Não necessitamos de testemunho algum para nos convercermos da vasta extensão de seu saber. Elle era, como o disse Villani, com razão "perfeito poeta e philosopho, e possuia o mais apurado estylo que jámais a linguagem houvesse produzido."

Parece haver assimilado a philosophia, a theologia, a sciencia, a poesia, a historia, do modo porque eram então comprehendidos pelas maiores intelligencias. — E isso foi numa época de grandes homens, porque, no tempo de Dante, viviam Rogerio Bacon, Alberto — o Grande, Thomaz de Aquino, Duns Scot, Giotto, Petrarca, São Luiz, Rodolpho de Apsburgo e Eduardo I.

Como forma, côr, e talvez como plano, a "Visão" representa a feudalidade catholica, que attingiu seu ponto culminante no tempo das Cruzadas. Mas a feudali-

dade catholica, em suas partes essenciaes, expirou pela época do nascimento de Dante, com homens taes como São Luiz e Simão de Monfort; e, quando Dante escrevia, uma nova era havia despontado. Ha uma significação tão profunda nesse facto, que Dante é, na Politica Positiva collocado na Revolução Occidental e não na idade das Cruzadas, dos monges e de Innocencio III. Com effeito, a "Visão" está saturada do espirito do pensamento moderno, da moral secular e não clerical, da energia civica e da preponderancia da sciencia. E' verdade que Dante não podia prever os resultados dos tempos posteriores e o molde de sua imaginação é catholico em religião e feudal na associação de suas concepções.

Mas reformador algum da Igreja e do Estado jámais tão vigorosamente denunciou os papas e os cardeaes; mais zeloso se mostrou em affirmar o direito de julgamento privado, sobretudo o que se refere a Deus ou ao homem; nem mais altivamente se mostrou apegado á simplicidade republicana e ao direito civico. Assáz se tem fallado de Dante como catholico mystico e como vasallo do imperador. Tudo isso elle foi; e ha cantos inteiros que respiram o espirito de São Bernardo e de Godofredo de Bouillon. Mas é preciso estar muito disposto a esquecer que o mais profundo e principal caracter da "Visão" é o espirito de observação de Rogerio Bacon, de Thomaz de Aquino e de Montaigne; que Dante tão pouco se preoccupa da autoridade quanto Francisco Bacon ou Hobbes; que elle trescala um perfume de renascença, igual ao de Raphael ou de Shakespeare; que elle é gentil-homem, soldado, amante e cidadão. Como Villani o nota nobremente: "Por suas virtudes, sua sciencia e seu valor, elle se nos afigura tão grande cidadão que tem direito a uma recordação eterna."

As obras de Dante, as mais profundamente pessoaes que existem em toda a litteratura, nos dão uma viva imagem do proprio homem. Não nasceu santo nem mystico. Foi um homem do mundo, um cerebro audacioso de uma cultura variada, dotado de um gosto apurado para todas as formas do Bello. Si a critica impiedosa não acha a que se apegue para fazer o retrato do homem malaventurado que está indissoluvelmente ligado á nossa concepção do poeta, é difficil de resistir á impressão que dá o *a fresco* de Bergallo em Florença, da verdadeira physionomia do poeta; é sua sensibilidade esquisita e seu genio, antes que os pezares o tivessem tornado mais duro e mudado em mascara austera que nos é familiar, como representamos o poeta do Inferno. Elle passou por decepções crueis e commetteu muitos erros. Parece profundamente consciente de suas proprias faltas, de seu orgulho, de sua paixão, de sua rispidez. Mas não parece ter sentido quanto era improprio para a carreira politica e publica a que votou a primeira parte de sua vida; e as famosas cartas de Estado de sua idade madura, com o seu nobre enthusiasmo apaixonado, são exemplos frisantes do perigo que ha para o philosopho de intrometter-se em negocios praticos. Realmente, a *sœrea indignatio*, que jámais deixou de fazer sangrar seu coração, marêa a belleza poetica da sua obra. A historia e tradição mencionam o estranho respeito com que os seus contemporaneos observavam o homem unico que "tinha visto o Inferno" e comprehendemos como seus concidadãos e o proprio Villani acharam sua sciencia "muito altiva, muito subtil e muito desdenhosa" e opinaram a seu respeito que, "do mesmo modo que os philosophos, era elle pouco apto para entreter sympathicas relações com ignaros".

Certamente teve elle seus defeitos como tambem justos motivos de queixa. Todavia sua indignação parece sempre prestes a transmudar-se na mais intensa ternura, seu orgulho, em face dos homens, se trans-

forma em humildade com relação a Deus: e tão sombrias apparencias revestem abysmo do mais puro e incoersivel amor. Eis por que admittido está que, com toda sua obscuridade, sua amargura e sua tristeza, a "Visão" se tornou centro de uma litteratura mais fecunda do que a que gravita em torno de nenhum outro poema — e é saudada pelo Positivismo como a base da Biblia vindoura. (1)

FREDERICO HARRISON

"Novo Calendario dos Grandes Homens". vol. 2.º pags. 4 a 12 (versão Generino dos Santos).

O titulo geral de poesia abrange todas as formas da arte creadora: a epopéia, a poesia lyrica e romantica, os romances em prosa, o idyllio, a allegoria, as chronicas, as meditações, mesmo a pintura e a esculptura, emfim toda e qualquer obra de imaginação: o que se não faz tendo em mira dissimular a differença essencial que existe entre a poesia propriamente dita e a prosa, mesmo quando a prosa se presta á representação de assumptos de pura phantasia, como o "D. Quixote" e a "Viagem do Peregrino". A poesia e a prosa permanecem, pois, formas d'arte quasi tão distinctas, quanto a pintura e a esculptura. Mas não ha termo commum que se possa applicar a todos os generos d'arte de imaginação. Eis por que, á mingua de melhor termo, a poesia, ou a obra dos *creadores,* deverá servir para designar todos os modos pelos quaes se exerça a faculdade creadora do homem.

---

(1) BIBLIOGRAPHIA — Quanto á vida de Dante, G. Villani, Chron. L. IX, cap. 134; P. Fraticelli, 1861; G. A. Scartazzini, Prolegomenos etc. (Vol. IV) Leipzig, 1890; Dean Church, Essai sur Dante; Comte Testement et Petit. Posit. III-569. Quanto ás Obras de Dante: G. A. Scartazzini, La Divina Comedia, 4, V. Leipzig 1874-1890; P. Fraticelli, Comm. IV in 12; Op. Minore 3 V. in 12; J. A. Symonds: La renaissance en Italie. Traduções, em prosa ingleza John Carlyle: A. J. Buter e W. W. Vernon; em prosa franceza Lammenais: em verso inglez, Cary e Longfellow. Frederic Harrison.

O antigo mundo era, a alguns respeitos, mais favoravel que o mundo moderno á producção da poesia elevada. A sociedade era — e disso tinha consciencia — e mais homogenea e harmoniosa em sua constituição, e tambem mais estavel e regular em seu movimento. A infinita diversidade da mechanica social que caracterisa os ultimos cinco seculos na Europa, e os conflictos e incessantes mudanças da vida social, si estimulam a originalidade mental, não são favoraveis á perfeição da arte. Demais, no mundo antigo, eram os poetas reconhecidos como interpretes das idéas theoricas e religiosas do seu tempo. Não havia, então, revolta profundamente enraizada contra essas idéas, nenhuma igreja organisada se interpunha aos poetas e seus ouvintes. Não existia orthodoxia alguma a que os homens se devessem conformar, nem sacerdocio algum por quem devessem suas obras ser julgadas.

Donde se segue que a poesia moderna, mesmo desde seu nascimento com Dante, teve, quasi a despeito de seus proprios instinctos, um elemento critico e revolucionario, que inevitavelmente a enfraquecia em seu surto mais elevado e que, por vezes, inspirou tambem directamente a sua obra. A' mesma situação social se deve a multiplicidade, a audacia, a vitalidade intensa e a universalidade do genio creador nos tempos modernos. Com Dante, arrasta ao seu tribunal os papas, os reis e os Estados; com Rabelais, Cervantes e Swift, reproduz por meio de uma profunda caricatura a sociedade contemporanea; com Walter Scott, glorifica o passado ás expensas do presente; com Byron e Shelley, honra o porvir a custa do presente e do passado. Bem mais, idealisa realmente a revolta e a anarchia como mais elevadas manifestações da liberdade humana.

Tudo isto é desfavoravel á arte pura, si bem que estimulante dos novos meios de creação, e tem dado ensejo a esplendidos triumphos do genio independente. E' um dos signaes mais evidentes da potencia inheren-

te á natureza, humana, que a poesia, em tão difficeis condições tenha podido produzir em conjunto tão glorioso de variados trabalhos e idealisar a vida moderna sob todos os seus aspectos. Nós constatamos, pois, que a poesia moderna, máo grado todas as suas quedas inevitaveis, promette uma época mais gloriosa ainda, sob um systema social que favorece, ao mesmo tempo, a liberdade, a paz, a harmonia e a belleza..

Frederico Harrison — Fragmento do artigo sobre a "Epopéia Moderna". Synthetica apreciação geral da Arte e especial da "Visão" e almas menores de Dante.

NOTAS

NOTA N. 1

Tentativas de adaptação a verso portuguez

Que mais alto não tenho a empavonada vaidade de pôr a mira: — assim leitor, mais ou menos Aristarcho, queira ter entendido.

— Que isto de interpretar e fielmente traduzir Dante, sem indignamente trahil-o, como resa apophthégma italiano, tem muito que se lhe diga.

Primeiro que tudo, tanto se elle afunda na penumbra do passado, que innumeros casos, individuaes, politicos e sociaes, que padeceram a suprema dita de ser por elle eternamente liquidados nas bolgias do Inferno, se acham tão esbatidos nas meias tintas da tradição e da legenda, que impossivel se torna lhes achar o fio e, muito menos, deslindal-os.

Depois, além da inilludivel difficuldade das rimas, comquanto da mesma origem (com pouca corrupção crê que é latina (Camões, Luziadas) ou antes por isso mesmo, os valores syntacticos e lexicographicos das duas linguas nem sempre se correspondem, de modo a se ajustarem e traduzirem reciprocamente.

Finalmente, para bem traduzir Dante, fôra mister possuir, com o seu agudissimo e penetrante engenho, a possante envergadura de suas desdobradas azas, que tão altisonante lhe torna o remigio, estylisticamente impresso á versão, a forte, solemne e rhythmica magestade do original, quer dizer — para traduzir Dante, é mister ser um pouco, sinão de todo elle mesmo — Dante — "o Altissimo poeta que sobre os outros como aguia vôa".

— E eu.. sem ser comtudo uma dessas fátuas e soluçantes aves, tão appetecidas depois de mortas, e que, em vida, só andam e se *dandinam* em bandos; eu, triste de mim, nunca passei de milhafre rasteiro, cuja ficha de consolação é viver do proprio e não do alheio-milho, — como do seu gadinho vivia o bom pastor Dircêo.

Pelo que me limitei, modestamente, a uma simplissima tentativa de adaptação — dispersiva, a bem da natural espontaneidade dos meus não muito torturados processos das principaes passagens da sua "Primeira Cantiga ou vero Inferno", num cantante verso antigo, por vezes camoneano, que o meu bom amigo Meyrelles cuida que Petrarca authenticaria, mas traiçoeiramente levou o plumitivo Adherbal de Carvalho (que Deus tenha em sua guarda) a escrever, no prefacio da ultima edição da versão Villa da Barra, que era em oitava rima de Camões; mas, ainda assim, como irá vendo o leitor tendo falhado, fui induzido a abandonar de lado.

— Com o que, de resto, nada se perde; pois *fio* que qualquer dos nossos grandes primeiros poetas da Academia, que ainda dispõem de tempo e reparadoras fichas de animação ou mesmo dessa grande terra já agora descoberta por Ulysses em que congodam menores poetas que já se cuidam primeiros e grandes, fará em tres-dobro, um dia. o que já velho e cançado de nunca ter podido fazer coisa alguma, me não foi possivel fazer, pingando aqui a estafada mas escusada sentença: *"feci quid potui, meliora faciant potentes"*.

NOTA N. 2

"Dante, ao voltar do exilio" — Terra-cotta de Almeida Reis (Discipulo espiritual de Miguelangelo e technico de Rocher) Rio, 1888.

E' uma movimentada estatueta que, medindo apenas 0,60 de altura, pela grandiosidade, pureza, elegancia e austera correcção de suas linhas harmoniosas, que bem e fortemente impressionam o observador, qual que seja a perspectiva aerea em que a contemple, como pela accentuada expressão de sua dolorosa mascara e amplas dobras do seu bem tocado panejamento, que lhe imprimem solemne cunho de super-humana magestade, parece de incommensuravel grandeza.

Foi carinhosamente modelada para figurar, com outra, tambem mas horrivelmente bella — "Alma Penada" (quai á voi anime prave) — n'um festim sociocratico, que, para uma apreciação positivista do Altissimo Poeta a leitura, em verso portuguez, de varias passagens da sua "Visão" (Divina Comedia), realizou Generino, a 12 de Nov. de 1888, anniversario de sua transformação objectiva, no Salão do Club Tiradentes, culturalmente decorado pelo artista, que tomou por thema de sua bellissima composição a ultima tercina de um soneto seu, evidentemente inspirada na tradicional apostrophe das mulheres dos arredores de Florença, que, vendo-o passar, aberrando a sua saudosa, ingrata e intangivel cidade nativa, supersticiosamente murmuravam resguardando a prole: *"Eccovi l'uom chi ha stato all'Inferno"*

> "Lá vai Aquelle que voltou do Inferno,
> Tendo-o creado á imagem de su'alma
> Trazendo n'alma o soffrimento eterno".

E modelada "com polegar intelligente", como diria Musset, ou, mais expressivamente, "com mão que obedece ao entendimento", como lhe ensinára o Mestre dos Mestres; modelada por um grande infortunado artista qu não logrou opportunidade, ou antes, a quem a apoucada Arte Official do extincto Imperio negara todos os meios de revellar a sua Grande Arte, ainda assim evidentemente patenteada no incompleto e malfadado bronze da "Estatua do Progresso", estupida e indignamente convertida em "figura de lampeão" a illuminar decorativamente a fachada da Estação Central da E. F. C. B., que por ella lhe pagou a incredebilissimamente ridicula quantia de uns oitocentos mil réis (si tanto): essa estupenda estatueta com todas as virtuosidades que a excedem, convenientemente ampliada e, em falta de outro que lhe houvesse imaginado o artista, dando-se-lhe por pedestal v gr. a symbolica espira dos Circulos do Inferno que Domenico Michelino poz no fundo da sua allegorica composição, existente na cathedral de Ravenna, bem poderia tambem dignamente figurar — e é uma idéa que suggerimos á Grande Commissão commemorativa do VI centenario — na pitoresca praça da nossa bellissima Avenida da Ligação, onde já lançou a sua pedra fundamental, como historico documento e attestado vivo do vivo e entranhado amor que sempre votamos ao Supremo Poeta da raça latina e quiçá de todo o Planeta Humano, — ainda n'um tempo em que se não lembrava ninguem de, entre nós, perpetuar-lhe o nome e eternisar-lhe a gloria.

Tal qual existe, porém, é, em todo caso, digna de conservação e, para ser conservada, como miraculosamente tem sido até hoje — ha mais de trint'annos — através todas as vicissitudes do tempo e até de convulsões sociaes, que se lhe resguarde a fragilidade passando-a a bronze ou galvanisando-lhe, ao menos, a exhausta materia prima de que é feita.

— E tal é o fim a que se destina o producto liquido da extracção desta plaquette, si, o que ella der, cobrir-lhe as vultosas despezas.

PINACOTHECOGRAPHIA — Com alguns specimens de esculptura de madeira, em que era insigne, como copia de dois cablocos existentes no pedestal da estatua equestre de Pedro I, que ajudára Rocher seu Mestre a fazer, no antigo Largo do Rocio, e de esculptura de ornato, como as "Empênas" (gesso) da Igreja de São Gonçalo, em Nicteroy — além d'uma infinidade de bustos, em gesso, terra-cotta e marmore, que trabalhava elle proprio, esparsos por estabelecimentos publicos e particulares, como os de "Danton" (Templo da Humanidade, Rio), Pereira Passos (E. F. C. B.), Tiradentes (Club Tiradentes), Fagundes Varella, e Comdor. Guimarães, com as respectivas familias, Almeida Reis, que falleceo a 19 de Abril de 1889, — sete mezes antes da proclamação da Republica, a cujo ideal e propaganda, — por ter com innumeros outros, posto sua assignatura na bandeira que hasteava o edificio do jornal "A Republica", quando em 1870 foi apedrejado, sacrificara toda sua carreia artistica, ao ponto de quasi morrer de fome — legou-nos as seguintes estatuas: Parahyba e Miguelangelo (E. N. B. A.), Jerimias, Bispo de Chrysopolis e Esfolado (Lyceo de A. O.), "Genio e Miseria (Asylo de Mendicidade), Antonio José — o poeta da Inquisição ,Theatro São Pedro de Alcantara); "Crime", laureada e incidiosamente perdida, só se salvando a cabeça, ao voltar da Exposição de Philadelphia, "Saldanha Marinho", tambem perdida, com a demolição do seu atelier; Estatua do Progresso, na fachada da estação central da E. F. C. B. e um esboceto da Estatua da Humanidade (no ref. Templo).

Ultimos trabalhos (terra-cotta e gêsso), "Dante ao voltar do Exilio", "Alma Penada", "A expiação", "Quéda de Satan" (com Rosalvo Ribeiro (em Alagoas), "Cabeça de São João Baptista" (marmore, galeria Esberard), busto de seu discipulo Lacaile (de Napolitano) do popular "Poeta Garcia" e pequeninas caricaturas que tambem se perderam, de Victor Meirelles, Mafra e outros, — além do esboceto de uma monumental apotheose do regimen industrial sobre os destroços da guerra, em que parece ter prenunciado o advento e termino da Conflagração teuto-européa.

NOTA N. 3

FRANCESCA DA RIMINI, quadro a oleo de Aurelio de Figueiredo (livre discipulo espiritual de Miguel Angelo e technico de Pedro Americo, Rio, (Na Pinacotheca da E. N. de B. A. do Rio de Janeiro).

Após contemplar este quadro compuz o soneto "Francesca da Rimini".

Este soneto impressionista, si não detalha analyticamente o quadro — o seu primeiro quadro, que vi fazer — synthetisa, de um modo geral, a delicada concepção do jovem pintor, que concentrou toda a sua belleza esthetica no luctuoso grupo, ou mais precisamente — no elegantissimo lineamento da figura e indizivel expressão do olhar que lhe espiritualiza a magoada physionomia e toda a adoravel cabeça de Francesca; e, por modo tal, que tudo o mais, inclusive o garrido grupo do embevecido Paolo; tudo o mais, architectura, indumentaria e até a propria perspectiva aerea, que (pode-se dizer, porque está se vendo) foi quadriculada; tendo o mais não passado de meros accessorios decorativos.

Poder-se-hia recortar essa deliciosa cabeça, — cujo abstracto e vago olhar choroso, trahindo a mais desolada expressão de magoa interna e indefinivel dor (varia-se a expressão, afim de ver se acerta) tão bella e artisticamente contrasta (comparando talvez mal e dados os devidos descontos) com o celebrado sorriso, ardilosamente surprehendido e divinamente contrafeito da Gioconda, para que, ricamente emmoldurada, lhe servisse de *pendant*.

Vai talvez nisso um mal para a unidade do quadro e o effeito scenographico da composição. Mas eu perdôo o mal que lhe faz, pelo bem que me sabe. Em todo caso, o alviçareiro quadro de Aurelio attesta o brilhante talento do seu auctor, honrando a incipiente arte brasileira. E, comquanto o seu assumpto se não enquadre textualmente no episodio dantesco, todavia se prende evidentemente ao nefando caso que Dante idealisou no Canto do "Inferno". E' o presago inicio de tão desastroso fim:

Amor ch'a cor gentil ratto s'aprende,
Mi prese cortui della bella persona,
Che mi fu tolta ed il gesto ancor m'offende.

PINACOTHECOGRAPHIA — Aurelio, que tambem professou a caricatura nas ardentes paginas do "Diabo-a-Quatro", que, sob Generino, Souza Pinto, Annibal e Alfredo Falcão, preparou o advento da Republica em Pernambuco; e, por uma fatalidade pathologica, si bem que menos cruel, teve quasi o mesmo destino de Paolo, pois morreo ao mesmo tempo que sua amantissima e amada espoza Paulina Capanema, irmã de Zaica, em gracioso modêlo, — além de retratos, paysagens, quadros de genero e natureza — morta, animados todos do mais puro idealismo e brilhante colorido que herdou do Mestre, deixou-nos as seguintes grandes télas: Descoberta do Brasil, Tiradentes no patibulo e Aurora de 15 de Novembro.

NOTA N. 4

PAOLO E FRANCESCA. Esboço de um quadro a oleo de Decio Villares, pintor e estatuario. Discipulo espiritual de Leonardo da Vinci e technico de Cabanel, membro da Academia de Bellas-Artes de Paris, Paris, 1883.

E', em synthese, uma deliciosa idealisação esthetica do commovente episodio dantesco (Inferno Canto V) em que, conscante á magoada queixa de Francesca:

.....Nessum maggior dolore
Che ricordar-se dei tempi felice
Nella miseria!.....

que move a compaixão no lacerado coração de Dante

.....Francesca i tuoi martiri
A lacrimar mi fanno triste e pio...

se subordina a concepção do artista á incoersivel e inenarravel dôr, que acompanha o inditoso par, de se verem os dois amantes eternamente condemnados a voar, sempre unidos, n'um vertiginoso vôo eterno,

Amor ché a nullo amato amar perdona
Mi prise del costui piacer si forte
Che como vedi ancor non m'abbandona

sem que jamais se possam communicar como d'antes

Amor conduce noi ad una morte

quando Paolo ainda não tinha

"... a mão que se crispa sobre a pagina fatal que o cruel Galeotto para sempre marcou"

na lapidada phrase de Eugéne Veron.

Galeotto fu il libro chi l'escrissi:
Quelle giorno non piú legenno avante.

E representa o angustioso momento com que Dante os avista, a destacarem-se do grupo onde penava Dido, no circulo dos voluptuosos do Inferno (Canto V) e manifesta a Virgilio o incontido e piedoso desejo de fallar.

... a quei due che insieme vano
E paion si al vento esser leggieri.

Exposta no "Salon", de Paris nesse anno de 1883, esta já celebre téla mereceo daquelle austero e abalisado critico, no seu "Diccionario", o seguinte irrefragavel juizo:

"Ce tableau, peint presque en "Camaïeu" (uma só côr) est original aprés Ingres et Ary Scheffer. C'est du pur grand art. Il y a dans M. Villares l'étoffe d'un grand idealiste".

E este juizo, profissionalmente expresso sobre o primeiro quadro ali exposto, de um jovem pintor brasileiro que não contava então mais de vinte e dois annos de idade, vale por uma immortal consagração.

Pertence a original e preciosa téla á galeria do distincto bellartista brasileiro Dr. Fabio Ramos.

PINACOTHECOGRAPHIA — Decio Villares que, como Leonardo, seu mestre, padece a tortura da perfeição, além de um sem numero de pequenas télas, fina e sobriamente pintados e frescamente coloridos, com toda a sua inconfundivel technica e esthesia espiritual, disciplinada agora por uma doutrina, como sciencia, verdadeiramente organica, e bem mais esthetica como arte, porque, assimilando-a, lhe assignala um destino progressivamente social e humano; e é auctor d'alguns personalissimos retratos que Carolina Durand assignaria, como os de Floriano Peixoto, Benjamin Constant, Souza Pinto, Mme. Heloisa Montenegro, Mme. Indio do Brasil, Mme. Caneco Novais e Esmeralda, que é idealização de poeta; assigna, como pintor, as grandes télas: São Jeronymo, Confraternização Argentino Brasileira e Norte Americana, Clotilde em seu leito de morte, O painel da Humanidade e a Epopeia Africana no Brasil, em que, engenhosamente disfarçadas, as tres unidades — de tempo, de logar e de acção, como no "Juizo final" de Miguelangelo, se não contemplam no mesmo quadro, que representa como que uma procissão historica, podendo tambem assignar o painel estrellar do auriverde pavilhão da Ordem e do Progresso; e como estatuario, os expressivos bustos de São Paulo, Heloisa e Santa Thereza, Christovão Colombo, Tiradentes, Benjamin Constant e Floriano, os esboços das Estatuas de Colombo e Augusto Comte — Summo Pontifice da Humanidade, o altar da Humanidade e a estatua e monumento de Julio de Castilho em Porto Alegre.

FIM

Poder-se-hia recortar essa deliciosa cabeça, — cujo abstracto e vago olhar choroso, trahindo a mais desolada expressão de magoa interna e indefinivel dor (varia-se a expressão, afim de ver se acerta) tão bella e artisticamente contrasta (comparando talvez mal e dados os devidos descontos) com o celebrado sorriso, ardilosamente surprehendido e divinamente contrafeito da Gioconda, para que, ricamente emmoldurada, lhe servisse de *pendant*.

Vai talvez nisso um mal para a unidade do quadro e o effeito scenographico da composição. Mas eu perdôo o mal que lhe faz, pelo bem que me sabe. Em todo caso, o alviçareiro quadro de Aurelio attesta o brilhante talento do seu auctor, honrando a incipiente arte brasileira. E, comquanto o seu assumpto se não enquadre textualmente no episodio dantesco, todavia se prende evidentemente ao nefando caso que Dante idealisou no Canto do "Inferno". E' o presago inicio de tão desastroso fim:

> Amor ch'a cor gentil ratto s'aprende,
> Mi prese cortui della bella persona,
> Che mi fu tolta ed il gesto ancor m'offende.

PINACOTHECOGRAPHIA — Aurelio, que tambem professou a caricatura nas ardentes paginas do "Diabo-a-Quatro", que, sob Generino, Souza Pinto, Annibal e Alfredo Falcão, preparou o advento da Republica em Pernambuco; e, por uma fatalidade pathologica, si bem que menos cruel, teve quasi o mesmo destino de Paolo, pois morreo ao mesmo tempo que sua amantissima e amada espoza Paulina Capanema, irmã de Zaica, em gracioso modêlo, — além de retratos, paysagens, quadros de genero e natureza — morta, animados todos do mais puro idealismo e brilhante colorido que herdou do Mestre, deixou-nos as seguintes grandes télas: Descoberta do Brasil, Tiradentes no patibulo e Aurora de 15 de Novembro.

NOTA N. 4

PAOLO E FRANCESCA, Esboço de um quadro a oleo de Decio Villares, pintor e estatuario. Discipulo espiritual de Leonardo da Vinci e technico de Cabanel, membro da Academia de Bellas-Artes de Paris, Paris, 1883.

E', em synthese, uma deliciosa idealisação esthetica do commovente episodio dantesco (Inferno Canto V) em que, conscante á magoada queixa de Francesca:

> .....Nessum maggior dolore
> Che ricordar-se dei tempi felice
> Nella miseria!.....

que move a compaixão no lacerado coração de Dante

> .....Francesca i tuoi martiri
> A lacrimar mi fanno triste e pio...

se subordina a concepção do artista á incoersivel e inenarravel dôr, que acompanha o inditoso par, de se verem os dois amantes eternamente condemnados a voar, sempre unidos, n'um vertiginoso vôo eterno,

> Amor ché a nullo amato amar perdona
> Mi prise del costui piacer si forte
> Che como vedi ancor non m'abbandona

sem que jamais se possam communicar como d'antes

Amor conduce noi ad una morte

quando Paolo ainda não tinha

"... a mão que se crispa sobre a pagina fatal que o cruel Galeotto para sempre marcou"

na lapidada phrase de Eugéne Veron.

Galeotto fu il libro chi l'escrissi:
Quelle giorno non piú legenno avante.

E representa o angustioso momento com que Dante os avista, a destacarem-se do grupo onde penava Dido, no circulo dos voluptuosos do Inferno (Canto V) e manifesta a Virgilio o incontido e piedoso desejo de fallar.

... a quei due che insieme vano
E paion si al vento esser leggieri.

Exposta no "Salon", de Paris nesse anno de 1883, esta já celebre téla mereceo daquelle austero e abalisado critico, no seu "Diccionario", o seguinte irrefragavel juizo:

"Ce tableau, peint presque en "Camaïeu" (uma só côr) est original aprés Ingres et Ary Scheffer. C'est du pur grand art. Il y a dans M. Villares l'étoffe d'un grand idealiste".

E este juizo, profissionalmente expresso sobre o primeiro quadro ali exposto, de um jovem pintor brasileiro que não contava então mais de vinte e dois annos de idade, vale por uma immortal consagração.

Pertence a original e preciosa téla á galeria do distincto bellartista brasileiro Dr. Fabio Ramos.

PINACOTHECOGRAPHIA — Decio Villares que, como Leonardo, seu mestre, padece a tortura da perfeição, além de um sem numero de pequenas télas, fina e sobriamente pintados e frescamente coloridos, com toda a sua inconfundivel technica e esthesia espiritual, disciplinada agora por uma doutrina, como sciencia, verdadeiramente organica, e bem mais esthetica como arte, porque, assimilando-a, lhe assignala um destino progressivamente social e humano; e é auctor d'alguns personalissimos retratos que Carolina Durand assignaria, como os de Floriano Peixoto, Benjamin Constant, Souza Pinto, Mme. Heloisa Montenegro, Mme. Indio do Brasil, Mme. Caneco Novais e Esmeralda, que é idealização de poeta; assigna, como pintor, as grandes télas: São Jeronymo, Confraternização Argentino Brasileira e Norte Americana, Clotilde em seu leito de morte, O painel da Humanidade e a Epopeia Africana no Brasil, em que, engenhosamente disfarçadas, as tres unidades — de tempo, de logar e de acção, como no "Juizo final" de Miguelangelo, se não contemplam no mesmo quadro, que representa como que uma procissão historica, podendo tambem assignar o painel estrellar do auriverde pavilhão da Ordem e do Progresso; e como estatuario, os expressivos bustos de São Paulo, Heloisa e Santa Thereza, Christovão Colombo, Tiradentes, Benjamin Constant e Floriano, os esboços das Estatuas de Colombo e Augusto Comte — Summo Pontifice da Humanidade, o altar da Humanidade e a estatua e monumento de Julio de Castilho em Porto Alegre.

FIM

Poder-se-hia recortar essa deliciosa cabeça, — cujo abstracto e vago olhar choroso, trahindo a mais desolada expressão de magoa interna e indefinivel dor (varia-se a expressão, afim de ver se acerta) tão bella e artisticamente contrasta (comparando talvez mal e dados os devidos descontos) com o celebrado sorriso, ardilosamente surprehendido e divinamente contrafeito da Gioconda, para que, ricamente emmoldurada, lhe servisse de *pendant*.

Vai talvez nisso um mal para a unidade do quadro e o effeito scenographico da composição. Mas eu perdôo o mal que lhe faz, pelo bem que me sabe. Em todo caso, o alviçareiro quadro de Aurelio attesta o brilhante talento do seu auctor, honrando a incipiente arte brasileira. E, comquanto o seu assumpto se não enquadre textualmente no episodio dantesco, todavia se prende evidentemente ao nefando caso que Dante idealisou no Canto do "Inferno". E' o presago inicio de tão desastroso fim:

> Amor ch'a cor gentil ratto s'aprende,
> Mi prese cortui della bella persona,
> Che mi fu tolta ed il gesto ancor m'offende.

PINACOTHECOGRAPHIA — Aurelio, que tambem professou a caricatura nas ardentes paginas do "Diabo-a-Quatro", que, sob Generino, Souza Pinto, Annibal e Alfredo Falcão, preparou o advento da Republica em Pernambuco; e, por uma fatalidade pathologica, si bem que menos cruel, teve quasi o mesmo destino de Paolo, pois morreo ao mesmo tempo que sua amantissima e amada espoza Paulina Capanema, irmã de Zaica, em gracioso modêlo, — além de retratos, paysagens, quadros de genero e natureza — morta, animados todos do mais puro idealismo e brilhante colorido que herdou do Mestre, deixou-nos as seguintes grandes télas: Descoberta do Brasil, Tiradentes no patibulo e Aurora de 15 de Novembro.

NOTA N. 4

PAOLO E FRANCESCA, Esboço de um quadro a oleo de Decio Villares, pintor e estatuario. Discipulo espiritual de Leonardo da Vinci e technico de Cabanel, membro da Academia de Bellas-Artes de Paris, Paris, 1883.

E', em synthese, uma deliciosa idealisação esthetica do commovente episodio dantesco (Inferno Canto V) em que, consoante á magoada queixa de Francesca:

> .....Nessum maggior dolore
> Che ricordar-se dei tempi felice
> Nella miseria!.....

que move a compaixão no lacerado coração de Dante

> .....Francesca i tuoi martiri
> A lacrimar mi fanno triste e pio...

se subordina a concepção do artista á incoersivel e inenarravel dôr, que acompanha o inditoso par, de se verem os dois amantes eternamente condemnados a voar, sempre unidos, n'um vertiginoso vôo eterno.

> Amor ché a nullo amato amar perdona
> Mi prise del costui piacer si forte
> Che como vedi ancor non m'abbandona

sem que jamais se possam communicar como d'antes

Amor conduce noi ad una morte

quando Paolo ainda não tinha

"... a mão que se crispa sobre a pagina fatal que o cruel Galeotto para sempre marcou"

na lapidada phrase de Eugéne Veron.

Galeotto fu il libro chi l'escrissi:
Quelle giorno non piú legenno avante.

E representa o angustioso momento com que Dante os avista, a destacarem-se do grupo onde penava Dido, no circulo dos voluptuosos do Inferno (Canto V) e manifesta a Virgilio o incontido e piedoso desejo de fallar.

... a quei due che insieme vano
E paion si al vento esser leggieri.

Exposta no "Salon", de Paris nesse anno de 1883, esta já celebre téla mereceo daquelle austero e abalisado critico, no seu "Diccionario", o seguinte irrefragavel juizo:

"Ce tableau, peint presque en "Camaïeu" (uma só côr) est original aprés Ingres et Ary Scheffer. C'est du pur grand art. Il y a dans M. Villares l'étoffe d'un grand idealiste".

E este juizo, profissionalmente expresso sobre o primeiro quadro ali exposto, de um jovem pintor brasileiro que não contava então mais de vinte e dois annos de idade, vale por uma immortal consagração.

Pertence a original e preciosa téla á galeria do distincto bellartista brasileiro Dr. Fabio Ramos.

PINACOTHECOGRAPHIA — Decio Villares que, como Leonardo, seu mestre, padece a tortura da perfeição, além de um sem numero de pequenas télas, fina e sobriamente pintados e frescamente coloridos, com toda a sua inconfundivel technica e esthesia espiritual, disciplinada agora por uma doutrina, como sciencia, verdadeiramente organica, e bem mais esthetica como arte, porque, assimilando-a, lhe assignala um destino progressivamente social e humano; e é auctor d'alguns personalissimos retratos que Carolina Durand assignaria, como os de Floriano Peixoto, Benjamin Constant, Souza Pinto, Mme. Heloisa Montenegro, Mme. Indio do Brasil, Mme. Caneco Novais e Esmeralda, que é idealização de poeta; assigna, como pintor, as grandes télas: São Jeronymo, Confraternização Argentino Brasileira e Norte Americana, Clotilde em seu leito de morte, O painel da Humanidade e a Epopeia Africana no Brasil, em que, engenhosamente disfarçadas, as tres unidades — de tempo, de logar e de acção, como no "Juizo final" de Miguelangelo, se não contemplam no mesmo quadro, que representa como que uma procissão historica, podendo tambem assignar o painel estrellar do auriverde pavilhão da Ordem e do Progresso; e como estatuario, os expressivos bustos de São Paulo, Heloisa e Santa Thereza, Christovão Colombo, Tiradentes, Benjamin Constant e Floriano, os esboços das Estatuas de Colombo e Augusto Comte — Summo Pontifice da Humanidade, o altar da Humanidade e a estatua e monumento de Julio de Castilho em Porto Alegre.

FIM

Espolio Literário de Generino dos Santos

HUMANIADAS

Vol. 1º — Liv. 1º: — Paysagens.
» 2º: — Rapsodias pernambucanas.
Vol. 2º — » 3º: — Alma positivista.
» 3º — » 4º: — Immortalidade subjectiva:
1ª parte: Grandes typos da Humanidade.
2ª parte: Typos secundarios.
Liv. 5º: — Marmores e bronzes.
Vol. 4º — » 6º: — Alma collectiva.
» 7º: — Alma alheia.
Vol. 5º — » 8º: — Alma reflexa.
» 6º — » 9º: — Lyrismo.
» 10º: — Versos de amôr.
Vol. 7º — » 11º: — Candido Caetano de Almeida Reis. (Apontamentos para sua biographia.)
Vol. 8º — Liv. 12º: — Æterna carmine.
» 13º: — Seculare carmen.
» 14º: — Varias composições sobre Dante.
Vol. 9º » 15º: — Vária.
» 16º: — Moscas de Milão.
Vol. 10º — » 17º: — Coévos e ancestraes:
1ª parte: Sonetos da India.
2ª parte: Pequenos cantares do grande cyclo da Navegação Aérea.
3ª parte: Ode épica. — A Esthetica em apuros.
4ª parte: A Floriano Peixoto.
5ª parte: Impressões de guerras.
6ª parte: Pela Historia do Brasil.
7ª parte: Pela America.
8ª parte: Pelo tempo afóra.
Liv. 18º: — Aos meus amigos.
Vol. 11º — Civilização chineza.
» 12º — José Jorge de Siqueira Filho e sua obra inédita.